

**Universidade de Lisboa**



**“O Cinema e a História” – A utilização do cinema no processo de  
ensino-aprendizagem da História Contemporânea**

**Sérgio Oliveira Figueiredo**

**Mestrado em Ensino História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no  
Ensino Secundário**

**Relatório de Prática de Ensino Supervisionada orientada pelo  
Professor Doutor João Cuvaneiro**

**2018**



## **Dedicatória**

A todas ...

## **Agradecimentos**

Chegado ao resultado final do trabalho desenvolvido no Mestrado em Ensino de História, muito é aquilo que acrescentámos de aprendizagem, amizade e realizações. É o fim deste percurso, mas o começo de um longo caminho que é a vida.

Com a conclusão desta etapa, há muito a quem agradecer o apoio e a ajuda prestada nas vitórias, mas também nos obstáculos. Afinal nada se constrói sozinho e são bastantes as pessoas que neste percurso passaram e deixaram a sua marca.

As palavras podem ser poucas para expressar o que para mim significam e fizeram para o que sou hoje e para o que espera o amanhã, mas tentarei expressar os agradecimentos a todos os que me acompanharam, destacando os que mais próximo estiveram e que, ao seu jeito, motivaram e apoiaram este projeto.

Muitos são os, que à sua maneira, prestaram apoio e foram importantes para a entrada neste curso e também para o culminar do mesmo. Por isso mesmo, agradeço a todos os familiares, amigos e colegas de mestrado que tanto me apoiaram e motivaram para que este percurso fosse bem-sucedido.

Existem pessoas que é impossível não mencionar nos agradecimentos. Começando pelos meus pais, que são a base de tudo e que mesmo nas decisões tomadas sem rumo encorajam e apoiam para que alcance um porto seguro.

Aos avós, que estão sempre presentes e que muito me motivam para o meu crescimento enquanto pessoa. São um pilar muito importante, com quem conto em todos os momentos.

Um agradecimento especial pelas palavras de apoio sempre a horas do amigo João, que esteve e está sempre presente e a quem a paciência foi grande para me ouvir nas ideias mais absurdas e nas intenções explanadas neste trabalho.

À Rita Capelinha e, mais tarde, ao Ivo Gomes, pela motivação que sempre me deram à obtenção de conhecimento e ao seu interesse que muito fez para continuar no caminho da curiosidade historiográfica e da partilha desses conhecimentos.

Às amigas Débora Conde e Sílvia Beselga que me aturam nos bons e maus momentos, desde os tempos de licenciatura, que sempre me acompanharam neste projeto e também na vida.

Ao meu estimado amigo e ex-professor Alexandre Pinheiro pelo seu incentivo à palavra escrita, ao seu exemplo enquanto professor, pessoa, e ao amigo que é.

Posso afirmar que a História surgiu como interesse desde cedo, mas que ganhou relevo com a motivação e paixão passados pela minha madrinha Graciete Rocha, que desde sempre suscitou o interesse por tão bela disciplina.

A quem também agradeço, não só pelo apoio enquanto aluno, mas também na aposta e apoio enquanto pessoa, é à Sónia Marques e à Liliana, que me deram a oportunidade de estabelecer contato com os mais novos, alunos do 2º ciclo de escolaridade, em situação de sala de estudo, onde pude prestar contributo nas suas aprendizagens através do meu conhecimento. Foi aqui que experienciei o papel de professor e o que também me motivou a seguir para este mestrado.

Este projeto segue a minha paixão pelo cinema. Desse encantamento, há quem tenha a sua quota parte e mereça de igual modo o meu reconhecimento. Refiro-me ao Bruno Cabaço, amigo e professor que partilhou também comigo além do gosto pelo cinema, a sua experiência como professor. Um agradecimento também à Ticiane Neves, pela amizade e por me desafiar a ver no cinema as histórias da História.

Não posso terminar sem referir uma das pessoas que mais me marcou neste percurso e que, do nada, passou a ser família. É a minha companheira de viagem, de núcleo, de piadas e de degustação. As palavras são poucas para agradecer a companhia, a amizade e as ideias trocadas de apoio e incentivo para a conclusão deste projeto. A ti Daniela Guinapo um grande agradecimento por tudo.

As últimas palavras vão para os professores Miguel Monteiro e João Couvaneiro, por todo o apoio dado ao caminho do mestrado e pela orientação não só deste trabalho, como o da formação enquanto futuro profissional de ensino e como pessoa.

Um especial agradecimento à professora Teresa Nunes, por ter aceite arguir o relatório de prática profissional e por ter marcado o percurso de licenciatura

enquanto professora de duas Unidades Curriculares que tanto apreciei ter sido parte integrante.

Por último, mas não menos importante, um enorme agradecimento à professora Noémia Braz, por todo o apoio, disponibilidade e pelos ensinamentos.

## Siglas

TEIP	Território Educativo de Intervenção Prioritária
ESBB	Escola Secundária da Baixa da Banheira
CTLH	Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades

## Abreviaturas

(...)	corte na citação de texto
cit. por	citado por
<i>ibidem</i>	mesmo lugar
Idem	o mesmo
nº.	número
<i>op. cit.</i>	obra citada
p.	página
pp.	páginas
séc.	século
[s.d.]	sem data
[s.l.]	sem local
doc.	documento

Nota:

As referências bibliográficas e as citações estão de acordo com a Norma Portuguesa, NP405.

# Índice

<b>Dedicatória.....</b>	<b>I</b>
<b>Agradecimentos.....</b>	<b>II</b>
<b>Siglas .....</b>	<b>V</b>
<b>Abreviaturas.....</b>	<b>V</b>
<b>Índice.....</b>	<b>VI</b>
<b>Índice de Figuras.....</b>	<b>VIII</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>IX</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>X</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>1ª Parte – Enquadramento Curricular e Didático .....</b>	<b>13</b>
<b>Ensino da História e a utilização dos audiovisuais.....</b>	<b>14</b>
<b>A relação cinema vs história (O Cinema e a História).....</b>	<b>18</b>
<b>Vantagens dos filmes em aula .....</b>	<b>23</b>
<b>2ª Parte Contexto escolar.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1 Contexto Geográfico .....</b>	<b>31</b>
2.1.1 Vale da Amoreira.....	32
<b>2.2 A Escola Secundária da Baixa da Banheira .....</b>	<b>33</b>
<b>2.3 A Turma do 12º Ano .....</b>	<b>36</b>
<b>3ª Parte – Prática Pedagógica .....</b>	<b>41</b>
<b>Aula 28 de Setembro .....</b>	<b>41</b>
Planificação da Aula .....	41
A aula.....	42
<b>Aula 2 de Outubro .....</b>	<b>44</b>
Planificação da Aula .....	44
A Aula.....	44
<b>Aula 3 de Outubro .....</b>	<b>49</b>
Planificação da Aula .....	49
A Aula.....	50
<b>Aula 6 de Novembro .....</b>	<b>53</b>
Planificação da Aula .....	53
A Aula.....	54
<b>Aula 7 de Novembro .....</b>	<b>57</b>
Planificação da Aula .....	57
A Aula.....	58
<b>Aula 9 de Novembro .....</b>	<b>64</b>



Planificação da Aula .....	64
A Aula.....	65
<b>Aulas de 15 a 23 de janeiro.....</b>	<b>69</b>
<b>Aula 15 de Janeiro .....</b>	<b>69</b>
Planificação da Aula .....	69
Aula.....	70
<b>Aula 16 de Janeiro .....</b>	<b>73</b>
Planificação da Aula .....	73
Aula.....	73
<b>Aula 18 de Janeiro .....</b>	<b>75</b>
Planificação da Aula .....	75
Aula.....	76
<b>Aula 9 de Abril .....</b>	<b>79</b>
Planificação de Aula .....	79
Aula.....	79
<b>4ª Parte Reflexões Finais .....</b>	<b>83</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>87</b>
Bibliografia Geral .....	87
Bibliografia Específica.....	87
Webgrafia .....	88
Bibliografia das Aulas.....	89
<b>Anexos .....</b>	<b>90</b>

## Índice de Figuras

Figura 1 Brasão da Baixa da Banheira.....	31
Figura 2 Brasão do Vale da Amoreira .....	31
Figura 3 Mapa com a localização do Vale da Amoreira.....	32
Figura 4 Plano da Escola Secundária da Baixa da Banheira.....	33
Figura 5 Espaço exterior e nova entrada da Escola.....	35
Figura 6 Pergunta do Questionário .....	37
Figura 7 Pergunta do Questionário .....	37
Figura 8 Pergunta do Questionário .....	38
Figura 9 Pergunta do Questionário .....	38
Figura 10 Pergunta do Questionário .....	39
Figura 11 Capa do filme Outubro .....	42
Figura 12 Capa do filme Outubro .....	42
Figura 13 Slide 8 do Power Point sobre a Revolução Russa .....	45
Figura 14 Slide 13 da apresentação Construção do modelo soviético .....	46
Figura 15 Slide 15 - O Discurso de Lenine.....	46
Figura 16 Texto de José Milhazes apresentado no PowerPoint .....	48
Figura 17 Slide 7 da apresentação Regressão do Demoliberalismo.....	51
Figura 18 texto apresentado .....	52
Figura 19 Slide de apresentação dos conteúdos.....	54
Figura 20 Exemplos das razões para a adesão totalitarismos .....	55
Figura 21 Definição de Estado.....	59
Figura 22 Imagem com texto apresentado para debate .....	61
Figura 23 Slide 19 da apresentação Opções Totalitárias .....	62
Figura 24 Breve Biografia de Aristides de Sousa Mendes .....	63
Figura 25 Estaline, Lenine e Trotski .....	65
Figura 26 Slide utilizado em aula sobre as medidas Estalinistas .....	66
Figura 27 Os Planos Quinquenais.....	67
Figura 28 Esquema sobre o Estalinismo .....	68
Figura 29 A Questão de Berlim .....	70
Figura 30 Esquema do Muro de Berlim.....	71
Figura 31 Texto apresentado.....	72
Figura 32 Planos Económicos.....	73
Figura 33 Políticas de Alianças.....	74
Figura 34 Política Económica e Social .....	75
Figura 35 A Guerra Fria.....	76
Figura 36 O Homem na Lua .....	77
Figura 37 Sinopse do filme "Elementos Secretos" .....	78
Figura 38 Sumário da aula .....	79
Figura 39 A televisão .....	81
Figura 40 Slide sobre o Rock "n" Roll.....	81
Figura 41 Música dos Pink Floyd sobre o muro de Berlim .....	82

## Resumo

«O filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História»<sup>1</sup> Marc Ferro.

Tal como postulado na epígrafe de Marc Ferro, o filme, nas suas múltiplas dimensões, é por nós entendido como documento e recurso extraordinário para a construção do conhecimento histórico.

Pelo uso da sétima arte na didática da História pretendemos despertar nos alunos do 12<sup>a</sup> ano da Escola Secundária da Baixa da Banheira um olhar diferente sobre o cinema e a sua conjugação com os conteúdos a lecionar. É generalizada a ideia de que as imagens possuem um papel relevante de difusão dos conteúdos e que podem ser aproveitados para mais facilmente motivar os alunos para aprendizagem, despertar a curiosidade e o olhar crítico.

Nas aulas lecionadas fizemos a experiência de utilizar filmes completos e vídeos editados. Através desta utilização da sétima arte pretendemos que os alunos desenvolvessem as competências gerais e específicas da disciplina de História.

Em síntese, procuramos com este trabalho avaliar a importância e as potencialidades da utilização do cinema como recurso de aprendizagem, analisando-se diversas possibilidades da exploração pedagógico-didática da sétima arte.

**Palavras-Chave:** Cinema, Vídeo, História, História Contemporânea, Sétima Arte.

---

<sup>1</sup> Marc Ferro, *Cinema e História*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992, p.86. Cit. por Miguel Monteiro (org.), *Cinema e História*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004, p.7.

## Abstract

«[The] film, image or not of reality, document or fiction, true story or pure invention, is History»<sup>2</sup> Marc Ferro.

As postulated in the heading by Marc Ferro, we see the film, in its multiple dimensions, as a document and an extraordinary resource for the construction of historical knowledge. With the title “Cinema and History”, we will reflect on the use of cinema in the teaching/learning process of History.

By using the Seventh Art in the teaching of History, we intend to awake in the students of the 12th grade at *Escola Secundária da Baixa da Banheira* a fresh and different perspective on cinema and its conjugation with the historical contents that are to be taught and learned. It is generally assumed and accepted that images have a vital and relevant role in the dissemination of contents and that they can be used to motivate more easily students for learning and awakening their curiosity and critical eye.

Due to their length, it is not possible to view a feature film in just one class, but the use of digital tools and apps allows us to edit films in short videos in order to integrate them in lesson plans with diversified teaching/learning strategies, in which the filmic contents can be viewed, discussed and explored.

In our classes, we experimented using feature films and edited videos. By using the Seventh Art, we intended the students to develop the general and specific skills inherent to the subject of History.

In short, with this project, we pretend to assess the importance and potentialities of the use of cinema as a teaching/learning resource. The different possibilities of pedagogical and educational exploration of the Seventh Art will also be analyzed.

**Key words:** Cinema, Video, History, Modern History, Seventh Art.

---

<sup>2</sup> Marc Ferro, *Cinema and History*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992, p.86. Quotation from Miguel Monteiro (org.), *Cinema and History*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004, p.7.

## **Introdução**

A História faz-se e escreve-se todos os dias. As coisas que fazemos, os objetos que criamos, a forma como comunicamos são recursos potenciais ao serviço da construção do conhecimento sobre o passado.

A vida de cada um de nós é composta por momentos e rotinas que se sucedem com uma cadência marcada pela normalidade do quotidiano. Mas há também momentos de rotura e aventura. Situações que nos transformam e que se estabelecem como marcos da nossa história.

Nas páginas que se seguem acrescentamos um capítulo à nossa vida, o da aventura académica no Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da Universidade de Lisboa, que nos permite seguir pelo caminho que escolhemos, o de dedicarmos a vida à educação.

Os dados desta experiência culminam na elaboração de um relatório de prática letiva supervisionada, que procura demonstrar as vantagens da sétima arte para a aprendizagem, em especial para a disciplina de História.

Para a elaboração deste relatório foi seguida a adequação da componente letiva e o ano de escolaridade a lecionar, parâmetros basilares para um trabalho com estas características.

Ambos foram escolhidos tendo em conta a oferta da Escola Secundária da Baixa da Banheira, núcleo onde fomos colocados e onde realizámos toda a prática letiva, e as turmas entregues à professora cooperante, Noémia Braz.

A Escola da Baixa da Banheira tem apresentado de ano para ano um número cada vez mais reduzido de alunos, o que motiva a diminuição do efetivo das turmas e do número de turmas existentes. Foi em virtude da redução do corpo discente, sentida de forma particular no ano letivo de 2017/2018, em que não houve alunos inscritos no 10º ano, que a escolha do ano de escolaridade com que trabalhámos recaiu sobre uma turma de 12ºano, no caso a única da professora cooperante.

Para a prática letiva foram escolhidos temas em unidades diferentes, consoante o interesse e a aplicabilidade da componente investigativa a que nos propusemos, relativamente aos conteúdos que iríamos lecionar.

O cinema constrói-se sobre estruturas narrativas e tal como a literatura é uma forma de perpetuar a tradição de contar histórias. Através dele as tradições e outras manifestações culturais são imortalizadas. Pelas imagens que capta, o realizador projeta a sua leitura sobre um assunto, uma história, uma realidade.

Estes recursos permitem o acesso a exemplos que se situam mais perto do imaginário dos alunos. A grande disponibilidade de filmes de contexto histórico permite aos alunos obter referências sobre o passado, de forma autónoma e lúdica, que podem ser mobilizadas nos percursos de aprendizagem. Cabendo ao professor alertar para a dimensão ficcional presente na sétima arte, evitando-se assim construções deturpadas e enviesadas sobre o passado

É no aproveitamento das capacidades desenvolvidas pela sétima arte que vemos proveitosa a relação, em sala de aula, do cinema com a História, mais propriamente a História Contemporânea, por ser o período abordado no 12º ano de escolaridade.

Nas aulas por nós lecionadas foram utilizados filmes e vídeos editados. Nestes últimos, os excertos escolhidos e editados colmatam as dificuldades da apresentação de filmes em aula, mas que, tal como os filmes, transportam os alunos para a aprendizagem através das imagens.

## **1ª Parte – Enquadramento Curricular e Didático**

## **Ensino da História e a utilização dos audiovisuais**

Existe a percepção que as práticas letivas utilizadas nas Escolas, ao longo das últimas décadas, eram excessivamente centradas no professor, diretivas, baseadas no manual, em que o aluno tinha um papel passivo e uma avaliação que visava apenas a reprodução memorialista dos conteúdos.

Em Contraponto, um ensino centrado no aluno é visto como um método inovador, que traz benefícios à aprendizagem e que ultrapassa os conteúdos do programa, estando preocupado com a formação do aluno enquanto pessoa.

Tendo em conta os princípios enunciados anteriormente, associados à chamada escola tradicional, que correspondem à aula centrada no professor e a um ensino mais diretivo, importa ter em conta que este modelo diretivo pode ter algum proveito para a aprendizagem dos alunos, desde que não se fixe na mera exposição do professor, onde «o professor que faz uso quase exclusivo do compêndio escolar, acaba por criar nos alunos uma atitude passiva porque assenta a sua estratégia na memorização de factos e torna o ensino verbalista e meramente expositivo e muito desmotivante.»<sup>3</sup>

É no modelo de uma escola inovadora que surgem novas teorias pedagógicas que, além de motivarem os alunos, tornam as aulas, potencialmente, mais interessantes e enriquecedoras, levando os alunos a uma aprendizagem mais efetiva.

Deste movimento da escola apostada na inovação das suas práticas de ensino surge o redirecionar das metodologias aplicadas pelo professor, que deixa de ser o principal centro do conhecimento, passando o processo de ensino-aprendizagem a depender mais do aluno, com o necessário acompanhamento por parte do docente.

Este professor não pode perder o seu papel de formador, pois «a educação nova reside na substituição do ensinamento do professor pela aprendizagem do aluno. O aluno não vai à escola para ser ensinado, quer dizer, submetido à atividade didática de um adulto; vai à escola para aprender o que significa exercer a sua própria atividade. Não se trata de aprender a adquirir conhecimentos, mas de

---

<sup>3</sup> Miguel Monteiro, *Didáctica da História – Teorização e prática – algumas reflexões*, Lisboa: Edições Plátano, 2001, p. 12.



aprender a trabalhar».<sup>4</sup> Ou seja, o professor tem o papel de incentivar os alunos a desenvolverem uma verdadeira aprendizagem, que não tenha como princípio a memorização e a reprodução de conhecimentos, e por isso é importante que o aluno seja «responsabilizado pela construção do saber com o desenvolvimento das capacidades de análise, síntese, da leitura e da descoberta, da reflexão crítica, do estudo comparado da imaginação, e da objetividade»<sup>5</sup>.

Para que o professor alcance estes objetivos deve procurar um tipo de ensino mais motivante e tentar equilibrar a exposição e o diálogo com a utilização de outros recursos, nunca deixando o rigor científico.<sup>6</sup> Não existe, no entanto, um modelo educativo que seja correto, por isso o professor deve ensinar «segundo uma mistura de vários modelos e opções pessoais».<sup>7</sup>

Com um método de ensino adaptado aos alunos que compõem a turma, o ensino pode ser mais eficaz e, conseqüentemente, a sua aprendizagem mais eficiente. Temos, assim, que «o docente de História tem melhores hipóteses de ajudar os estudantes a adquirir competências gerais, específicas e transversais de natureza cognitiva, metodológica e ética se recorrer, em simultâneo, a vários tipos de abordagens»<sup>8</sup>, tomando como base esta ideia sugerimos a utilização dos audiovisuais na sala de aula como método didático.

É essencial para aprendizagem que o ponto de partida seja a observação, pois através dela os alunos podem por si despertar o interesse e a curiosidade. A observação “pressupõe mais do que uma simples descrição da realidade; exige manipulação, medição, comparação e distinção»<sup>9</sup>. A utilização do vídeo e do cinema

---

<sup>4</sup> Roger Cousinet, *A Educação Nova*, 3ª edição, Lisboa Editores, 1976, (contracapa). Cit. por Miguel Monteiro, *O Ensino da História numa Escola em Transformação*, Lisboa: Edições Plátano, 2003, p. 53.

<sup>5</sup> Miguel Monteiro, *O Ensino da História numa Escola em Transformação*, Lisboa: Edições Plátano, 2003, p. 69.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 65.

<sup>7</sup> Miguel Monteiro, op. cit, 2001, p. 27.

<sup>8</sup> João Paulo Avelãs Nunes; Ana Isabel Sampaio Ribeiro, *A Didática da História e o perfil do professor de História*, Revista Portuguesa da História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2007, p. 97.

<sup>9</sup> Ramiro Marques, *História Concisa da Pedagogia*, Lisboa: Edições Plátano, 2001, p.167.

permite desenvolver práticas de observação, sendo fundamental escolher bem os meios audiovisuais a utilizar em sala de aula.

Importa não esquecer que «o cinema desempenha um produto cultural e na sua relação com a sociedade e com a ciência possibilita a sua utilização enquanto instrumento gerador de aprendizagens diversificadas, mas significativas»<sup>10</sup> e que através desta relação com a sociedade é também possível, além de lecionar História, mostrar aos alunos o funcionamento da sociedade e de como integrar-se melhor nesses contextos.

O uso dos audiovisuais é um dos meios que pode potenciar as aprendizagens e que ajuda o professor na motivação dos alunos, desde que a participação destes seja ativa e não a simples exibição de audiovisuais enquanto o professor segue o método expositivo.

Como afirma Mário Nuno Antas na sua obra “A Didática da História e o Ensino da História”, privilegiar a utilização de audiovisuais possibilita «uma melhor integração da mensagem, visto que os alunos assumem uma predisposição para a aprendizagem diferente quando são confrontados com formas de aprendizagem que fujam à rotina da aula expositiva.»<sup>11</sup>

Porém a utilização do vídeo não é sinónimo de inovação das práticas, apenas dos recursos. O que significa que «os filmes por si próprios não são aulas – os professores criam as aulas e os filmes são apenas um recurso possível»<sup>12</sup>. As aulas podem ser lecionadas segundo vários métodos e utilizando diversos recursos, sendo estes últimos os mais inovadores, ou não. É neste ponto que o professor se deve concentrar, nomeadamente que a utilização do vídeo tenha um propósito didático e que não seja para ocupar tempo ou para entreter os alunos.

---

<sup>10</sup> Tiago Reigada, *Ensinar com a Sétima Arte: O Espaço do Cinema na Didática da História*. Porto: Edições Afrontamento, 2016, p. 12.

<sup>11</sup> Mário Nuno do Bento Antas, *A Didática da História e o Ensino da História*, Lisboa: Universidade Lusíada, 2004, p. 188.

<sup>12</sup> Alan S. Marcus; Alan Merzger; Richard Paxton; Jeremy Stoddard, *Teaching History with film: strategies for secondary social studies*, Oxon: Routledge, 2010, p.19. Cit. por Tiago Reigada, *Ensinar com a Sétima Arte: O Espaço do Cinema na Didática da História*. Edições Afrontamento, 2016, p. 65.

É sabido que «os audiovisuais despertam a reflexão, a capacidade analítica e crítica, dinamizando a aprendizagem»<sup>13</sup>, razão pela qual deve ser criteriosa a escolha do filme alinhando-a com os objetivos da aprendizagem, que podem ainda incluir o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e a componente reflexiva em torno dos conteúdos que são observados.

O professor Augusto Reis Machado defende que «o ensino da história deverá, sobretudo, assentar em: fitas cinematográficas, projeções fixas, gravuras, quadros históricos»<sup>14</sup>, o que David Griffith, concordando com o anterior, afirmou que: «chegará o momento em que as crianças nas escolas se lhes ensinará tudo através dos filmes.»<sup>15</sup>, concluímos, assim, pelas palavras de Thomas Edison que «o filme estava destinado a revolucionar o sistema educativo e que no espaço de alguns anos irá suplantará grandemente, se não totalmente, o uso dos livros».<sup>16</sup>

Concordamos com algumas destas palavras, desde logo com a revolução que a sétima arte promove no sistema educativo e com as suas vantagens para a aprendizagem e para o desenvolvimento de capacidades de análise e crítica. Contudo, o cinema não deve substituir a utilização de outros recursos educativos, como o livro.

Como nos diz Rosenstone «a “verdade” da História não reside na verificabilidade de dados individuais, mas na narrativa global do passado»<sup>17</sup>, por outras palavras, aquilo que é visível nas produções cinematográficas não contempla a total “verdade” da História, apenas conta com a ideia geral e os factos que o

---

<sup>13</sup> Miguel Monteiro, *A Ilha Pedagógica*, Lisboa: Plátano Editora, 1987, p. 44.

<sup>14</sup> “Ensaio de um programa de história nos liceus”, *Arquivo Pedagógico*, Vol. III, nº1, Março de 1929, p.29. Citado em João Paulo Avelãs Nunes; Ana Isabel Sampaio Ribeiro, op. cit., 2007, p. 94.

<sup>15</sup> Jorge Nóvoa, Apologia da relação cinema-história. «Revista eletrónica o Olho da História», n.º1,1995. [www.oohodahistoria.ufba.br/01apolog.html](http://www.oohodahistoria.ufba.br/01apolog.html). Cit. por Tiago Reigada, *Ensinar com a Sétima Arte: O Espaço do Cinema na Didática da História*, Porto: Edições Afrontamento, 2016.

<sup>16</sup> Alan S. Marcus; Jeremy Stoddard, Tinsel Town as teacher: Hollywood film in the High School Classroom. «The History Teacher», vol. 40, n.º3, p.303-330, 2007. Na versão original: «I believe that the motion picture is destined to revolutionize our educational system and that in a few years it will supplant largely, if not enterily, the use of books». Cit. por Tiago Reigada, op. cit., 2016, p.13.

<sup>17</sup> Robert Rosenstone, *A História nos filmes, os filmes na história*, Paz e Terra, São Paulo, 2010, p.195. Cit. por Tiago Reigada, op. cit., 2016, p. 48.

realizador escolheu. Segundo Antonio Almagro García «o autor cinematográfico joga mais com a verosimilhança do que com a verdade histórica»<sup>18</sup>.

Pretendemos demonstrar que o uso dos audiovisuais é uma mais-valia para o ensino da História, assim como para a formação dos alunos enquanto cidadãos, mas que deve ser utilizado com um propósito didático e não como «recompensa a uma boa turma, ou funcionar como uma aula, substituindo o papel do professor»<sup>19</sup>

Para que a utilização dos audiovisuais seja possível, também a escola deve acompanhar as tecnologias educativas e focar-se cada vez mais no aluno, dando especial atenção às suas necessidades, modernizando as suas infraestruturas. Com isto, apontamos o facto de a escola ter de se adaptar às novas técnicas e promover o uso dos audiovisuais, pois «ao continuar a insistir na transmissão de conhecimentos livrescos e desfasados das novas tecnologias de informação, a Escola não poderá preparar os alunos para um mundo em que os meios de comunicação são importantíssimos»<sup>20</sup>.

O apetrechamento da escola pode representar um importante fator condicionante para a inovação dos métodos dos professores, pois uma escola que não disponibiliza recursos, sejam informáticos, ou não, torna mais complicado o papel do professor que tenta inovar os seus métodos. Desde logo, se o professor planifica a utilização de recursos audiovisuais tem de ter disponíveis os instrumentos, em funcionamento, que lhe permitem a sua utilização (computador, projetor, rádio, etc.).

A planificação das aulas, mais à frente descritas, visou ir ao encontro dos propósitos aqui apresentados. Nelas, além dos filmes foram também visualizados vídeos, por nós editados, que continham os conteúdos propostos a lecionar com utilização dos meios audiovisuais.

### **A relação cinema vs história (O Cinema e a História)**

A relação entre a História e as artes vem de longe e muito tem sido estudado, ao longo dos anos, sobre essa relação e também sobre o uso das artes na sala de aula.

---

<sup>18</sup> Antonio Almagro García, *El Cine como Recurso Didáctico*, Escuela Universitaria del profesorado «Sagrada Familia» Úbeda, s.d., p. 28. Na versão original: «El autor cinematográfico juega más con la verosimilitud que con la verdad histórica.»

<sup>19</sup> Tiago Reigada, op. cit, p. 62.

<sup>20</sup> Miguel Monteiro, op. cit, 2001, p. 182.

Porém, a sétima arte tem sido colocada um pouco de parte, quer pelas suas limitações, quer pelo facto dos professores não reconhecerem devidamente todo o potencial que o cinema encerra.

Todavia o cinema com a sua linguagem atrativa desperta a atenção dos espectadores e como tal pode ser uma ferramenta fortíssima para a aprendizagem, “o seu carácter visual e sonoro, a forma diferente como relata a mistura de situações e os procedimentos para as contar, convertem o cinema numa importante ferramenta para perceber e agilizar os mecanismos de percepção”<sup>21</sup>.

Nesta relação entre o Cinema e a história há que fazer a distinção entre a leitura histórica do cinema e a leitura cinematográfica da história. A leitura histórica do cinema prende-se com a História do próprio cinema e de como este evoluiu e se inovou, de como foram feitas as grandes produções cinematográficas, dos grandes realizadores e produtores, e dos filmes consagrados.

A leitura cinematográfica da história é o que pretendemos explorar com mais precisão, uma vez que é através desta leitura que retiramos todo o proveito do trabalho cinematográfico para lecionar as aulas e para que os alunos, através do cinema, possam ganhar interesse pelos conteúdos explorados, assim como obterem uma aprendizagem efetiva.

A arte além de arte é história. É simultaneamente objeto criativo para ser contemplado, indício do contexto em que surge e interpretação daquilo que quer contar.

Ao longo dos anos a arte tem sofrido os avanços tecnológicos, mas a importância das imagens para o Homem é sempre apontada, mesmo com as alterações das técnicas de produção ou da sua apresentação, onde podemos ver que «na Pré-História, assumiam a forma de pinturas rupestres; no Antigo Egipto, traduziam cultos e práticas quotidianas; no período renascentista, as pinturas adotavam um elevado grau de fidelidade com o que estava a ser visualizado mas, em

---

<sup>21</sup> Enrique Martínez-Salanova Sánchez, *El valor del cine para aprender y enseñar*, Comunicar, 20, 2003, Revista Científica de Comunicación y Educación, p.49. Na versão original: «su carácter eminentemente visual y sonoro, su disposición para relatar de manera diferente al relato oral, la mezcla de situaciones y los procedimientos para contarlas lo convierten en un componente de importancia necesario para percibir y agilizar los mecanismos de la percepción.»

nenhum momento, a capacidade de mostrar o real foi tão significativa como no século XX»<sup>22</sup>.

Com a passagem das pinturas para a fotografia, a imagem ganhou maior relevo por conseguir com maior veracidade representar o real, contudo o cinema «é a primeira arte que se autorrepresenta como imagem e representação da realidade»<sup>23</sup>, é a história que conta, a história que cria na sua produção e mesmo o seu «carácter ficcional não elimina a possibilidade de perceber realidades, de visualizar o concreto, o real»<sup>24</sup>.

O cinema como obra de arte sensibiliza para novas experiências<sup>25</sup>. O cinema é assim arte e técnica, linguagem e imagem, documento e diversão, fantasia e realidade. Como diz Enrique Martínez-Salanova Sánchez, o cinema é uma pedreira inesgotável de relatos e de temas, de criatividade e de estética cultural<sup>26</sup>, razão pela qual é um recurso riquíssimo e que em sala de aula pode facilitar a aprendizagem.

Como postulado na obra de Marc Ferro, “Cinema e História”, «O filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História»<sup>27</sup>, é nesta passagem que observamos a real importância que o cinema pode alcançar no ensino de História, onde o cinema mostra os factos históricos, atribuindo aos conceitos uma imagem e uma ação e onde a História da sétima arte também se desenvolve, uma vez que esta “é definida pelo trabalho de quem combina a arte com a técnica”<sup>28</sup>, ou seja, os realizadores, dos quais falaremos mais à frente.

---

<sup>22</sup> Tiago Reigada, op. cit, p. 31.

<sup>23</sup> Jackline de Oliveira Silva; Lilian Marta Grisolio Mendes, *O Ensino de História e o Cinema: a problematização do uso da produção cinematográfica sobre o passado na sala de aula*, XVI Encontro Regional de História ANPUH-Rio: Saberes e práticas Científicas, 2014, p.5.

<sup>24</sup> Tiago Reigada, op. cit p. 34

<sup>25</sup> Jackeline de Oliveira Silva; Lilian Marta Grisolio Mendes, op. cit, 2014, p. 5.

<sup>26</sup> Enrique Martínez-Salanova Sánchez, op. cit., 2003, p.48. Na versão original: «es arte y técnica, lenguaje y imagen, documento y diversión, fantasía y realidad. El cine es además cantera inagotable de relatos y de temas, de creatividad y de estética cultura.»

<sup>27</sup> Marc Ferro, *Cinema e História*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992, p.86. Cit. por Miguel Monteiro (org.), op. cit, 2004, p.7.

<sup>28</sup> Site <https://www.rolex.com/arts-and-culture/rolex-and-cinema.html> . Na versão original «The history of cinema has been defined by the work of those who combine unforgettable artistry with technical mastery». [Consulta realizada em 21-06-2018]

Nesta relação entre o cinema e a História, podemos observar duas perspectivas, a primeira em que a arte representa a História, ou seja, o filme como representação do passado que está a ser explorado por essas imagens, onde o “cinema pode ser um caminho mais efetivo para retratar a história que a palavra escrita”<sup>29</sup>, uma vez que através desta representação é possível transmitir aos alunos uma imagem mais clara que as palavras que a descrevem.

Por outro lado, por ser também ela parte da História, dado que o filme é também visto, não só pelo período que representa, mas também pelo tempo em que foi realizado. Neste sentido podemos observar a história da arte e mais propriamente a história do cinema como auxiliares ao desenvolvimento dos conhecimentos históricos.

O que verificamos é que a utilização do cinema na didática da História e a forma como a sétima arte possibilita a obtenção de conhecimentos, quer através da visualização na íntegra de filmes, ou através da observação de pequenos vídeos, são um poderoso e atrativo recurso para a aprendizagem dos alunos.

Existem, assim, dois tipos de filmes históricos: aqueles que usam a história como contexto e os que são representações diretas de um período, lugar ou personalidade histórica.<sup>30</sup> Também os vídeos podem ser editados atendendo a esta dupla condição, pois na escolha das imagens, o professor poderá optar por representações diretas ou imagens que são inspiradas na História.

O cinema, enquanto espetáculo, divertimento e arte é uma ferramenta que influencia as audiências, um dos «principais objetivos dos filmes é entreter e expressar um ponto de vista»<sup>31</sup>, assim como tem de objetivo aprender a olhar e analisar o que quer expressar através das imagens<sup>32</sup>, é uma ferramenta que permite o

---

<sup>29</sup> Joan M., Dennis West, and Joanna Dezio. “*Film and History: Questions to filmmakers and historians.*” Cineaste 2004: 55-68. Na versão original: «Cinema can certainly be a more effective way of portraying history than the written Word». ProQuest Research Library. Cit. por Amelia Brookins, Representing History in Film-Making, 2012.

<sup>30</sup> Atoy Navarro, Kasaysayan at Pelikula: Panonood-Pelikula sa Pagtuturo ng Kasaysayan, 2008, p134. Cit. por Alvin D. Campomanes, A Study Guide for Heneral Luna, [s. l.; s. n.], 2015.

<sup>31</sup> Anusha Pillai, *Constructing history: film as history*, [s. l.; s. n.], 2015. Na versão original: «Film’s primary purpose is to entertain and express a point of view or vision».

<sup>32</sup> Ambrós y Breu, *Cine y educación. El cine en el aula de primaria y secundaria*, Barcelona: Grao, 2007, p. 117. Cit. por Ramón Pérez Parejo, Cine y Educación: explotación y algunas experiencias

estudo do passado e, com o olhar certo, o conhecimento pode ir além do que a imagem mostra e desvendar o contexto histórico que está detrás do que vemos. Nas palavras de Manuel de Oliveira, «a realidade é um rosto com duas expressões – a expressão literal e a simbólica»<sup>33</sup> e é nessas duas expressões que se pretende que o filme seja explorado e debatido com os alunos.

Embora alguns professores se concentrem na escolha de determinados géneros cinematográficos, todos os filmes têm um pouco de história embutida, pode é não estar perceptível, mas a verdade é que «durante décadas Hollywood tem trabalhado em filmes baseados em cenários históricos, porque a história contém o drama que capta audiências»<sup>34</sup>, o que comprova que as bases dos filmes sustentam-se na História, em alguns casos numa camada menos evidente, e que têm sido aproveitados para a realização das grandes obras do cinema.

Como afirma João Lopes, na sua obra “Cinema e História: aventuras narrativas”, «a história decide-se entre o que vemos no presente e aquilo que, visto ou reconhecido, nos pode elucidar sobre algum passado.»<sup>35</sup>, podemos concluir que qualquer género cinematográfico pode ser usado para a didática de História, pois aquilo que se vê ou reconhece pode dar uma imagem de algum passado. Como prova de que qualquer género cinematográfico serve para demonstrar algum passado que se pretende analisar, podemos observar que «quanto mais avançamos nos artifícios da ficção, mais próximos nos sentimos de uma verdade primordial e, justamente, documental.»<sup>36</sup>

Um dos papéis do cinema é «representar a história da forma mais precisa possível, enquanto ainda se envolve com o público e os encoraja a explorar a

---

educativas, 2010 – II congrés internacional de didactiques, p. 1. Na versão original: «objetivos del uso en el cine es aprender a mirar y con ello a analizar lo que otros han querido expresarnos a través de las imágenes».

<sup>33</sup> João Lopes, *Cinema e História: aventuras narrativas*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018, p. 70.

<sup>34</sup> Amelia Brookins, *Representing History in Film-Making*, [s. l.; s. n.], 2012, p.1. Na versão original: «For decades Hollywood has crafted films that are based in historical settings because history contains the drama that has proven to capture audiences. ».

<sup>35</sup> João Lopes, op. cit., p. 45.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p.46



história»<sup>37</sup>, em contexto de sala de aula pode ser uma ferramenta para motivar os alunos a desenvolverem um olhar crítico sobre as imagens visualizadas, assim como uma forma de lhes mostrar que estudar História pode ser interessante e divertido. Até porque «fazer história é, afinal, procurar os inusitados cruzamentos de concreto e abstrato»<sup>38</sup>.

### **Vantagens dos filmes em aula**

O uso de imagens em movimento facilita a obtenção de uma melhor perceção dos acontecimentos que pretendemos demonstrar nas aulas lecionadas, pois «os filmes trazem à vida o que de outra forma seriam apenas palavras numa página»<sup>39</sup>, através da criação de uma imagem para um conjunto de palavras escritas, estamos a criar no aluno uma imagem com a qual ele se identifica ou da qual mais facilmente associa a um conceito ou acontecimento.

Essa imagem que o aluno associa é possível, pois segundo António-Pedro Vasconcelos o cinema permitiu «levar o realismo, que a pintura tinha procurado desde o Renascimento, e o romance, desde Cervantes, mas sobretudo a partir de meados do século XIX, à sua forma tautológica»<sup>40</sup>.

O mundo esta cheio de imagens, que «não são registos neutros da história»<sup>41</sup>. Contudo, nem sempre pensamos o que essas imagens são, ou o que vemos ou julgamos ver nessas imagens<sup>42</sup>. Por este motivo a utilização de imagens deve ser criteriosa para criar relações entre os conteúdos e aquilo que se está a ver.

Dotando os alunos de um olhar crítico em relação ao que observam ao seu redor, permite-lhes analisar as diferentes fontes e criar uma imagem aproximada da realidade que a História transmite e que outros documentos, como o manual, não transportam por palavras. «Todo o “filme histórico” é uma representação do passado

---

<sup>37</sup> Amelia Brookins, op.cit, p.1. Na versão original: «film should represent history in the most accurate way possible while still engaging with the audience and encouraging them to explore history»<sup>37</sup>.

<sup>38</sup> João Lopes, op. cit., p. 49.

<sup>39</sup> James Chapman, *Film and history*, Basingstoke: Palgrave Macnillan, 2013, p1. Na versão original: «Films bring to life what would otherwise just be words on a page».

<sup>40</sup> António-Pedro Vasconcelos, *O Futuro da Ficção*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012, p. 32.

<sup>41</sup> Joao Lopes, op. cit., p. 62.

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*, p. 62

e, portanto, um discurso sobre o mesmo e, como tal, está imbuído de subjectividade.»<sup>43</sup>.

Porém não concordamos com a afirmação presente na obra *Cinema e Literatura*, que afirma que «no cinema, as coisas são o que são, e não podem ser outra coisa (...) o cinema é o que é, é aquilo que mostra»<sup>44</sup>, porque aquilo que podemos retirar de uma imagem e de um filme ultrapassa o que nos é mostrado, o cinema poderia ser comparado a uma cebola, «que quer ser descascada, para que possa vir à luz aquilo que é legível, letra a letra: raramente de forma unívoca, muitas vezes como escrita em espelho, ou de qualquer outro modo cifrado»<sup>45</sup>, assim é o filme que pelas suas imagens quer ser visto e decifrado e tal como a cebola pode ser visto por camadas de interpretação. Como afirma Gunter Grass «A cebola tem muitas camadas. Existem em maioria. Mal é descascada, renova-se. Cortada, provoca lágrimas. Só ao descascá-la fala verdade»<sup>46</sup>, o filme provoca emoções, desperta a curiosidade e assim que começa a ser analisado desvenda a verdade que esconde nas suas imagens.

Dada a complexidade dos filmes, tal como na metáfora da cebola de Gunter Grass, a análise dos alunos deve ser orientada pelo professor, que direciona o olhar dos alunos para os conteúdos que foram escolhidos inicialmente pelo professor.

Podemos dar aos alunos nas aulas uma perspectiva de historiador sobre os conteúdos visualizados nos filmes e até da sua concordância com os documentos escritos. É também uma forma de demonstrar aos alunos os diversos tipos de fontes que o historiador pode trabalhar, pois, «o filme pode ser, tal como qualquer documento, objeto de história, instrumento para a história e testemunha do tempo presente»<sup>47</sup>.

---

<sup>43</sup> Miguel Monteiro (org.), op. cit, 2004, p.8

<sup>44</sup> Juan A. Hernández Les, *Cinema e Literatura: A metáfora visual*, Porto: Campo das Letras, 2003, p.32

<sup>45</sup> Gunter Grass, *Descascando a Cebola*, Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2008, p.10

<sup>46</sup> Idem, *ibidem*, p.11

<sup>47</sup> René Gardies (org.), *Compreender o Cinema e as Imagens*, Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2007, p.114.

Dadas as dificuldades encontradas relativamente ao aproveitamento da “sétima arte” em contexto de sala de aula, quer quanto ao tempo de visualização, quer quanto à escolha do filme, consoante os conteúdos a lecionar, é importante ter em conta que o filme deve englobar o tempo histórico, as temáticas que se pretendem desenvolver e até as potencialidades dos elementos cénicos, que demonstram com maior rigor a época que se propõe explorar em aula pela visualização e análise do filme.

O filme deve ser escolhido tendo como princípio o que o professor tenciona explorar com os seus alunos. Neste aspeto qualquer filme pode ser escolhido, mesmo que seja um que *a priori* não se apresente como filme histórico, mas que no seu desenvolvimento é possível verificar inspiração histórica ou até elementos históricos.

É neste sentido que a relação entre o cinema e a história é aproveitada, pois «as relações entre História e Cinema são exemplo de um encontro frutuoso, porque, se as histórias do cinema se modificaram profundamente no contacto com a evolução dos objetos, das conceções e dos métodos da história, esta, por seu lado, descobriu o que podia ganhar com o estudo do filme»<sup>48</sup>, é nesta descoberta dos ganhos que a História tem do estudo do cinema que permitem que a aprendizagem da História seja mais próxima dos alunos.

É possível observar que o grande número de produções cinematográficas demonstra o interesse dos produtores em montar espetáculos educativos, pois a sétima arte permite, «como a história da arte, compreender a evolução de uma forma cultural»<sup>49</sup> e assim através das imagens em movimento mostrar a História de uma forma mais cativante.

Para Mathew Brady «a câmara é o olho da história». Como tal, a sétima arte ganha um grande destaque no seu papel educativo, que sempre teve vocação e que agora com a maior aposta dos produtores na realização de produções históricas, é «testemunha viva não só de um presente cuja memória vai perpetuar (através de filmagens de atualidades), mas também de um passado que julga poder reconstruir

---

<sup>48</sup> Idem, *ibidem*, p.10.

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*, p. 91.

melhor do que qualquer discurso»<sup>50</sup>. É de notar que com o progresso das tecnologias qualquer pessoa pode gravar uma qualquer imagem, o que evidencia a ideia de Mathew Brady como uma constante obtenção de imagens que podem fornecer dados e elementos, ou constituir-se como documentos para a construção do conhecimento histórico.

Também Marc Ferro aponta a função formativa dos filmes por divulgarem os conhecimentos históricos, vendo o cinema como documentos, porque correspondem a acontecimentos ocorridos no passado. Onde Ramón Pérez Parejo acrescenta que «todas as possibilidades oferecidas pelo uso do cinema nas aulas (longas metragens, curta metragens, extratos) são igualmente válidas se acompanhadas de uma adequada programação didática»<sup>51</sup>

Por tais motivos, o professor deve «selecionar e discriminar o material fílmico para os alunos, enquanto elege o momento indicado para introduzi-lo em cada uma das sequências didáticas»<sup>52</sup>. Ou seja, o professor deve escolher o momento mais oportuno para projetar o filme, consoante os alunos e a pertinência do filme para a aquisição dos conteúdos pretendidos.

O filme escolhido, além das escolhas do realizador e produtor, não tem como objetivo «municiar o espectador do conjunto total de factos e acontecimentos que constituem o saber histórico, mas conceder-lhes uma visão periférica e alargada do passado»<sup>53</sup>. Por tal motivo os filmes demonstram alguns conteúdos em detrimento de outros consoante aquilo que o realizador e o produtor pretendem mostrar ao espectador.

Acresce ainda a opinião e o gosto do professor, pois «todo o ser humano tem uma experiência de vida única e irrepetível. A beleza do cinema é que nos permite expressar essa experiência única com imagens e através de um ponto de vista pessoal

---

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*, p110 e 111.

<sup>51</sup> Ramón Perez Parejo, op. cit., 2010, p.4. Na versão original: «Todas las posibilidades que ofrece el uso del cine en las aulas (largometrajes, cortos, extractos) son igualmente válidas si vienen acompañadas de una adecuada programación didáctica».

<sup>52</sup> Alef Pérez Ávila, *El cine como herramienta didáctica para aprender historia*, [s. l.; s. n.], 2017, p. 81. Na versão original: «Seleccionar y discriminar material fílmico para los alumnos, mientras elige el momento indicado para introducir-lo en cada una de las secuencias didácticas».

<sup>53</sup> Tiago Reigada, op. cit., 2016, p.48

compartilhá-lo com milhões de pessoas ao mesmo tempo»<sup>54</sup>. É através deste ponto de vista que o professor quer partilhar que os alunos são, também eles, influenciados por determinadas ideias que os filmes demonstram. Apesar de a «realidade do filme ser um retrato, a visão do mundo vista e transformada por quem faz o filme»<sup>55</sup> e de o filme «tentar recriar a aparência de mundos, civilizações e atmosferas, o mundo visual e sonoro são construídos para dar a ilusão de realidade»<sup>56</sup>, o que faz com que a escolha do professor tenha em consideração todas as características que o filme cria dos acontecimentos históricos que conta.

A duração do filme é um problema difícil de contornar, devido às aulas disponíveis para tal atividade e aos objetivos de cumprir o programa com aproveitamento dos alunos além do tempo dedicado à exibição que o filme obriga.

Na maioria das vezes, ocupam-se duas aulas para concluir a projeção do filme, uma vez que a duração da aula oscila entre 40/45 minutos e 90/100 minutos, sendo que o filme, por norma, varia entre os 85 minutos e os 120 minutos, podendo até ultrapassar este tempo. Temos assim que a visualização de um filme é possível, como apontado por exemplo por Alef Pérez Ávila, numa ocasião por período<sup>57</sup>, isto porque o professor não pode despender muitas aulas com a visualização e análise do filme.

É neste sentido, de tentar ultrapassar as limitações do filme, que a utilização de ferramentas e aplicações digitais permite a edição de pequenos vídeos que carregam de forma intencional o que se propõe explorar em aula. Assim «o tempo destinado à exibição do filme pode variar desde a duração total, até a um par de minutos»<sup>58</sup>.

Podem colocar-se aqui motivos éticos, pela edição de imagens que constam de uma obra de arte, que deve ser considerada como um todo.

---

<sup>54</sup> Site <https://www.rolex.com/arts-and-culture/rolex-and-cinema/alejandro-g-inarritu.html>. Na versão original: «Every human being has a unique and unrepeatably life experience. The beauty of cinema is that it allows us to express that unique experience with images and through a personal point of view, and to share it with millions of people at the same time» [Consulta realizada em 21-06-2018]

<sup>55</sup> Tiago Reigada, op. cit., 2016, p. 35.

<sup>56</sup> Idem, *ibidem*, p. 39.

<sup>57</sup> Alef Pérez Ávila, op. cit., 2017, p. 82.

<sup>58</sup> Alef Pérez Ávila, op. cit., 2017, p. 81. Na versão original: «El tiempo destinado a la exhibición de una película puede variar desde su duración total hasta un par de minutos».

Não obstante, estes vídeos podem ser entendidos como excertos que permitem que com menos imagens se diga o máximo, por serem uma produção do professor.

A utilização de excertos de um filme «oferece a vantagem de contrair a amplitude temática e precisar os objetivos e conteúdos»<sup>59</sup> e como são montados com um propósito pré-estabelecido de aprendizagens, permitem ainda apresentar diversos exemplos num curto espaço de tempo que elevam a experiência educativa dos alunos.

A edição de vídeo pelo professor tem vantagens, desde que cativa o aluno a participar, pois «a exibição de fragmentos que refletem aspetos importantes numa cena é mais pertinente para uma aula de história, podendo ser reafirmados com outros tipos de materiais. O tempo ótimo para a exibição em aula é de vinte minutos ou menos, isto para evitar a perda de atenção dos alunos»<sup>60</sup>. Assim a produção de vídeos cumpre não só as questões de duração, como os aspetos escolhidos, pelo professor, como os mais importantes para que se atinjam os objetivos curriculares.

Tanto com os filmes como com os vídeos, apresentar um guião de análise e fomentar um debate sobre os conteúdos abordados é uma das formas de acompanhar a evolução da aprendizagem do aluno e de direcionar cada vez melhor os audiovisuais às características dos alunos.

Como apresentado na obra “El cine como recurso didático”, o uso do cinema deve supor um trabalho crítico e analítico que distancie o aluno do filme, elimine dúvidas e crie um aprofundamento dos conhecimentos obtidos pela sua visualização.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Ramón Pérez Parejo, *Cine y Educación: explotación didáctica y algunas experiencias educativas*, II Congreso Internacional de Didactiques, 2010, p.4. Na versão original: «El uso de extractos de películas nos ofrece la ventaja de constreñir la amplitud temática y precisar los objetivos y contenidos».

<sup>60</sup> Alef Pérez Ávila, op. cit., 2017, p. 82. Na versão original: «La exhibición de fragmentos que reflejen aspectos importantes en una sala de escena es lo más pertinente para una clase de historia, estos pueden ser reafirmados con otros tipos de materiales. El tiempo óptimo para la exhibición en clase es de veinte minutos o menos, esto para evitar la pérdida de atención de los alumnos».

<sup>61</sup> Antonio Almagro García, op. cit., s.d, p. 28. Na versão original «El empleo de cine histórico en el aula debe suponer un posterior trabajo crítico y analítico que distancie emotivamente al alumno de la película, elimine errores y genere profundización sobre lo que se ha visto».

Como já referido, o professor ao utilizar a sétima arte deve orientar os alunos para que estes desenvolvam capacidades de análise do filme, pois «a constante projeção dos materiais fílmicos implica que os alunos aprendam a ler o cinema. Não é só ver e ouvir, mas compreender o plano de fundo das cenas»<sup>62</sup>. Com esta compreensão pretende-se que os alunos sejam capazes de realizar a análise histórica em qualquer filme e que desenvolvam o interesse e a curiosidade para, mais tarde, investigarem mais sobre o que visualizaram. Concluímos, assim, que a utilização do filme é mais proveitosa quando estimula o aprofundamento do saber histórico.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Alef Pérez Ávila, op. cit., 2017, p. 83. Na versão original: «La constante proyección de los materiales fílmicos implica que los alumnos aprendan a leer el cine. No solo se trata de ver y escuchar, sino comprender el trasfondo de las cintas».

<sup>63</sup> Antonio Almagro García, op. cit, s.d., p. 28. Na versão original: «Una película será más provechosa si estimula el deseo de profundizar en un auténtico saber histórico sobre el período y la sociedad de que se trate.»

## **2ª Parte Contexto escolar**



## **2.1 Contexto Geográfico**

Entre os territórios do Barreiro, Alhos Vedros e Moita, aparece-nos a localidade onde a escola se edificou, o Vale da Amoreira. Porém, até aqui chegarmos, pode ser observada a evolução deste território circundante, que ao longo dos tempos foi alvo de uma crescente demografia e evolução, devido aos seus complexos industriais, de que falaremos mais à frente.

Numa zona onde as atividades tradicionais são a pesca, a salinicultura, a construção naval, os viveiros de ostras e de peixes, surgem as indústrias transformadoras, que muito vão marcar todo este território, pelo seu desenvolvimento e atrativo para a chegada de população.

Os caminhos-de-ferro impulsionaram a região, contribuindo para a fixação de complexos, que nos anos 60 do século XX, com o desenvolvimento das indústrias no Concelho vizinho, o Barreiro, representam o grande aumento demográfico.

O fecho das indústrias desta região, a partir dos anos 80, contribuiu para a perda de população, cerca de 25%, da qual a região ainda sofre as suas consequências. Muito embora algumas zonas sejam, agora, alvo de maior procura pelo preço dos imóveis e pela proximidade de Lisboa proporcionada pela Ponte Vasco da Gama.



**Figura 1 Brasão da Baixa da Banheira**



**Figura 2 Brasão do Vale da Amoreira**

A Baixa da Banheira, localizada entre as vilas de Alhos Vedros, Lavradio e banhada pelo estuário do Tejo, numa reentrância que se estende até ao concelho do Barreiro, era uma região pouco povoada, composta por algumas quintas que se estendiam desde do Lavradio até ao que é hoje o Vale da Amoreira. Eram terras

pouco produtivas, pelo que nunca tiveram grande importância agrícola na margem sul. Entre os anos 50 e 60 do século XX, dá-se um aumento populacional, devido à migração de gentes que saíam dos campos à procura de trabalho nas fábricas, pelo que a ocupação desta zona é caracterizada pela habitação dos operários das indústrias do Barreiro, Alhos Vedros e a Siderurgia Nacional, em Paio Pires, e também pelos Estaleiros da Lisnave, da Margueira e da Setenave.<sup>64</sup>

Foi devido a este aumento populacional, sobretudo nos anos 50 e 60, que se tornou possível a construção de prédios de habitação social, substituindo as construções ilegais que existentes nesta zona, para albergar a crescente população que se reúne nesta localidade.

Devido à sua proximidade geográfica e à relação com a indústria daquele local, chegou a pertencer ao Barreiro, mas em 1967 tornou-se uma freguesia da Moita.

### **2.1.1 Vale da Amoreira**



**Figura 3 Mapa com a localização do Vale da Amoreira**

A zona que hoje se conhece por Vale da Amoreira era constituída na sua maioria por um vasto pinhal. É nos 70 do século XX que o tecido urbano cresce e faz do Vale da Amoreira o que hoje podemos observar.

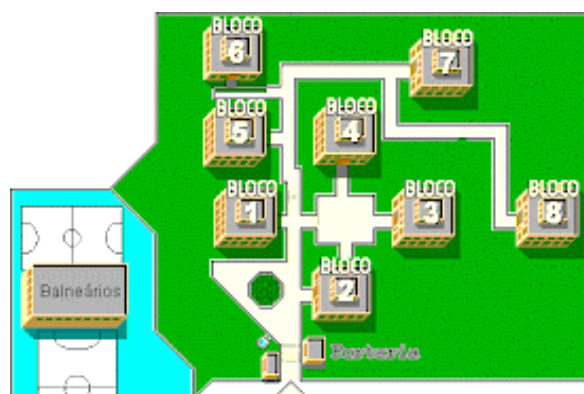
<sup>64</sup> José Rosa Figueiredo, *A baixa da banheira até aos nossos dias*, Setúbal, Edição da Assembleia distrital de Setúbal, 1979, pp. 20-21.

O Vale da Amoreira, como freguesia independente da Baixa da Banheira em 1988, com aprovação do brasão em 2001<sup>65</sup> e com os seus limites definidos em 1995<sup>66</sup>, teve no ano de 2013, com a união de diversas freguesias por todo o país, a junção com a freguesia da Baixa da Banheira, denominando-se União das Freguesias da Baixa da Banheira e do Vale da Amoreira.

## **2.2 A Escola Secundária da Baixa da Banheira**

Apelidada de Escola Secundária da Baixa da Banheira pela sua localização na antiga freguesia da Baixa da Banheira, no Concelho da Moita, situa-se na Praceta Maria Helena Vieira da Silva, no Vale da Amoreira. Com a união das freguesias em 2013, a escola continua associada à Baixa da Banheira pelo seu nome.

A escola estende-se por um espaço amplo, composto por diversos pavilhões, como pode ser visualizado na figura.



**Figura 4 Plano da Escola Secundária da Baixa da Banheira**

Construída em 1977, entrou logo em funcionamento nesse mesmo ano letivo, com o objetivo de dar resposta à necessidade de uma escola em que os jovens continuassem os estudos após o ensino preparatório. Só em 1987 foram acrescentados os espaços verdes e mais tarde, em 1990, mais dois blocos. Aguarda-se

---

<sup>65</sup> Tatiana Marques, *Vale da Amoreira – a história de uma freguesia*, [s.l.], Graunauta associação cultural, 2013, p. 26

<sup>66</sup> Idem, *ibidem*, p.24

ainda pela construção de um pavilhão polidesportivo, que não foi ainda construído devido a problemas de financiamento.

O primeiro dos edifícios, identificado como Bloco 1, é o pavilhão central, onde encontramos a secretaria, a papelaria, a sala de professores, a biblioteca e as restantes salas administrativas. Com exceção do assinalado Bloco 2, que é o bar e refeitório da escola, os outros blocos correspondem às salas de aula e a pequenos auditórios.

Os restantes edifícios têm, como já dito, as salas de aula que se caracterizam, de forma geral, de dimensões variadas, mas que tentam responder às necessidades dos alunos. Possuem tecnologia de apoio ao ensino, como os quadros interativos, computador e projetor, embora não estejam todas as salas com estes equipamentos em funcionamento, e conta ainda com o quadro e o giz.

Apesar das boas condições que a escola apresenta, assiste-se a um grande problema motivado pela falta de alunos, não só pela perda de população residente na área circundante à escola (cerca de 25%), como pela fuga por parte dos jovens do bairro, que procuram outras escolas nas imediações (Barreiro e Moita).

Com a falta de alunos, a escola teve de optar por ter mais ofertas formativas, com o objetivo de aproveitar toda a estrutura do complexo escolar. Assim sendo, além do ensino regular (3º ciclo) e dos cursos científico-humanísticos do ensino secundário, aloja cursos profissionais, cursos de educação e formação, e alguns cursos promovidos pelo centro de emprego.

Atualmente definida como centro qualifica, que define a escola como uma estrutura especializada em educação e formação que procura as melhores soluções para que a população educativa obtenha a escolaridade obrigatória pela oferta de diversos cursos.

Dada esta definição da escola, são visíveis os números mais significativos nos cursos profissionais, tal como o maior número de alunos no período da noite, em relação ao período diurno. Este número é visível nomeadamente no que diz respeito às turmas que são passíveis de serem formadas. Como exemplo, o caso do curso regular do ensino secundário, este ano letivo, não teve qualquer inscrição, motivo pelo qual não existe turma do 10º ano em qualquer um dos cursos oferecidos pela

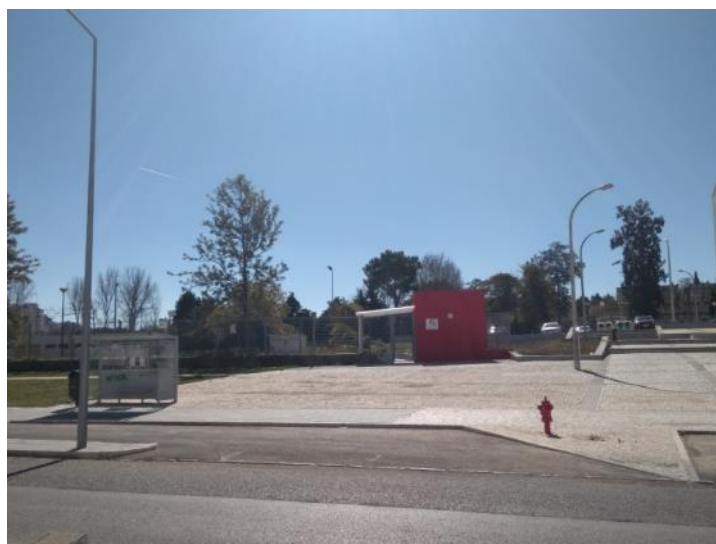
escola. É também por este motivo que à professora cooperante ficou apenas destinada uma turma, assim como o cargo de responsável pela biblioteca.

Além da falta de alunos, a escola apresenta poucos funcionários e, para colmatar este obstáculo, os colaboradores existentes e os professores encarregam-se de diversos papéis, existindo uma grande solidariedade entre todos os funcionários da escola.

Para apoio aos cursos profissionais, nomeadamente o de restauração e bar, e pela consequente falta de funcionários já assinalada, o bar localizado na sala de professores fica entregue aos alunos, cada dia da responsabilidade de uma turma.

Com a ajuda dos professores, quer na produção dos produtos para venda, quer, por vezes, na própria confeção dos alimentos, os alunos começam a aprender com a prática o funcionamento de um bar e da restauração, pois nos dias em que estão encarregues do bar, além do café e dos pequenos-almoços, também servem refeições.

O espaço envolvente à escola sofreu recentemente obras de requalificação, nomeadamente na Avenida José Almada Negreiros, com a reconstrução de um campo de jogos e da melhoria, não só da estrada, como também dos passeios, como visível na figura 5. Com estas obras o espaço envolvente à escola tornou-se mais agradável e possibilitou, também, à escola a sua requalificação.



**Figura 5 Espaço exterior e nova entrada da Escola**

A escola apresentará para breve a novidade do seu espaço entre muros, que consiste na inauguração de uma nova entrada (Fig.5). Com o objetivo de desviar a escola do bairro social, a mudança do portão de entrada, situada na Praceta Maria Helena Vieira da Silva para a Avenida José Almada Negreiros, representa o relançar da escola, afastando-a da fama que a persegue e que tem afastado alguns alunos de ingressarem na mesma. Neste sentido também está em curso, em Assembleia Geral de Escola, a possível mudança do nome, através da escolha de um Patrono.

No que diz respeito ao papel da escola como elemento social, a Escola Secundária da Baixa da Banheira é pioneira em alguns projetos, nomeadamente um que corresponde à sensibilização e consciencialização contra a mutilação genital feminina. Existindo referências a que esta realidade tenha marcado ou esteja presente ainda nesta comunidade educativa.

Produzido com o apoio de alunos e de professores, foi editado um livro sobre o fenómeno da mutilação genital feminina, continuando a ser promovidas sessões de sensibilização em torno deste assunto.

No passado dia 6 de fevereiro de 2018 que a escola se juntou, novamente, para celebrar este projeto, contando com a visualização de um filme, com o testemunho de alguns alunos e com um debate mediado por uma jornalista da RTP.

### **2.3 A Turma do 12º Ano**

Neste ano letivo, 2017/2018, devido a algumas alterações, nomeadamente a inexistência de alunos inscritos no 10º ano e do novo cargo da professora cooperante Noémia Braz, como coordenadora da biblioteca da escola, apenas lhe foi atribuída uma turma, a do 12º ano, onde executamos a nossa prática letiva.

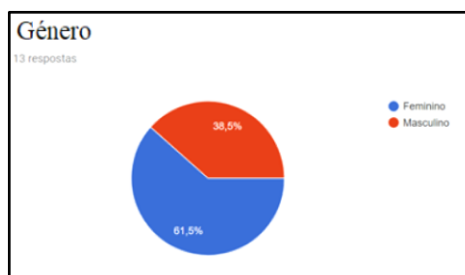
Este ano também apresenta uma outra alteração, que diz respeito à constituição das turmas, que nos anos transatos se compunha por uma só turma nas disciplinas comuns e nas restantes disciplinas estava dividida no seu horário. Neste ano foram constituídas duas turmas distintas, uma para o curso de Ciências e Tecnologias e outra para o Curso Tecnológico de Línguas e Humanidades (CTLH).

A turma de História do 12º CTLH é composta, inicialmente, por 15 alunos, dos quais a maioria transitou do 11º ano, que já tínhamos acompanhado no ano letivo anterior, 2016/2017, e que foi a turma das colegas de mestrado, agora mestres, Susana Marques e Liliana Carvalho, e por alunos que ficaram retidos no 12º ano.

Com o intuito de realizar uma caracterização da turma, decidimos formular um questionário, anónimo, utilizando a aplicação Google Forms, que foi entregue aos alunos na última semana de aulas do 1º período.

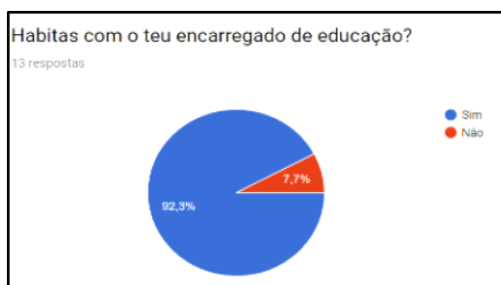
No seguimento do questionário e das 13 respostas obtidas, embora fossem 15 alunos, tentaremos formular uma caracterização da turma.

Partindo de questões visíveis, mas que também permitem uma análise, não só da turma como da participação dos jovens nos cursos do secundário, mais propriamente no de Línguas e Humanidades, podemos observar que a turma é composta por uma maioria de raparigas em detrimento de rapazes, como demonstrado no seguinte gráfico (Fig.6).



**Figura 6 Pergunta do Questionário**

De forma a caracterizar a turma em relação ao contexto social, era pertinente saber se vivem com os Encarregados de Educação, não querendo isto dizer que fossem os pais. Assim sendo, também questionamos quem era o Encarregado de Educação.

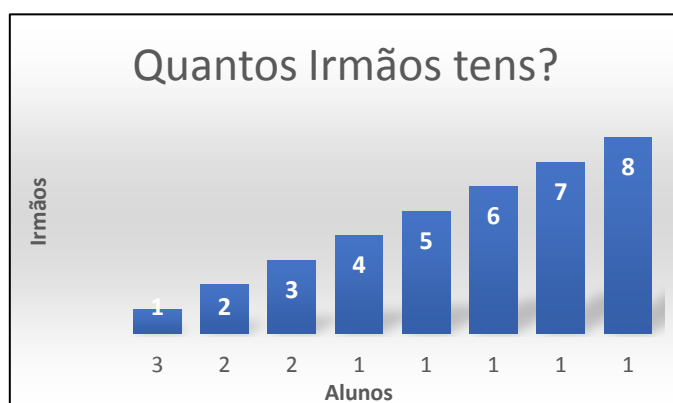


**Figura 7 Pergunta do Questionário**

Como é observado pelo seguinte gráfico (Fig.7) e não esquecendo que o inquérito foi respondido por apenas 13 alunos, a maioria das respostas indica que os alunos habitam com o Encarregado de Educação, sendo que os 7,7% que não habitam com o seu encarregado de educação correspondem apenas a um aluno.

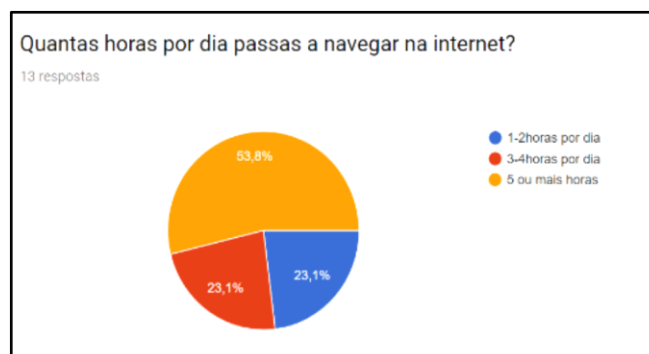
Em grande número apuramos que o encarregado de educação é a mãe dos alunos, sendo que as exceções passam pelos avós, irmão, pai, ou mesmo o próprio aluno no caso deste ser maior de idade.

Neste sentido sociocultural questionamos quanto à existência de irmãos. As respostas são interessantes (Fig.8), uma vez que a maioria dos alunos que responderam têm irmãos. É possível verificar que as famílias presentes são numerosas, uma vez que apenas 5 dos alunos têm um número de irmãos igual ou inferior a dois irmãos. Os restantes apresentam-se com números superiores.



**Figura 8 Pergunta do Questionário**

Como forma de saber qual o contacto dos alunos com a tecnologia, nomeadamente a internet, e a forma como a acedem, questionamos não só a existência de smartphone, como o tempo que dedicam à internet.



**Figura 9 Pergunta do Questionário**



Neste sentido é relevante observar que todos os alunos possuem smartphone, porém, dois deles afirmam não possuir computador em casa, pelo que o acesso à internet, de forma geral na turma, é na sua maioria realizado pelo smartphone.

Sabendo como acedem à internet, é pertinente analisar o tempo que lhe dedicam, e aqui os resultados são impressionantes, uma vez que um grande número de alunos dedica bastante tempo, 5 ou mais horas por dia, como podemos verificar na figura 9.

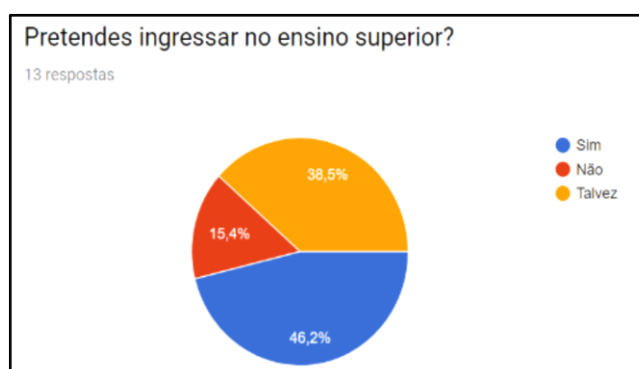
Em tempo de aula, como se denota em tantas escolas, o uso do smartphone é também um fator de distração. Porém pode ser uma ferramenta de aprendizagem.

É por isso, por vezes, pedido aos alunos que consultem a internet, através dos seus smartphones para realizarem trabalhos de pesquisa. Esta opção dos smartphones permite colmatar questões existentes quanto ao acesso a informação, assim como permite que todos os alunos, mesmo que não tenham computador, acedam e desenvolvam pesquisas para estudo.

No que diz respeito aos tempos livres, estes seguem a grande utilização da internet, dado que os alunos apontam como atividades o Instagram, Youtube e Twitter. A atividade mais consistente por parte dos alunos foi a música.

Dentro das atividades dos tempos livres registam-se, ainda, o interesse por filmes, pratica desportiva e sair com os amigos.

Era também importante questionar os alunos sobre o que pretendem fazer após a conclusão do secundário, mais concretamente perguntar se pretendiam entrar no Ensino Superior e assim seguir os estudos.



**Figura 10 Pergunta do Questionário**

Da análise que podemos retirar do gráfico das respostas obtidas (Figura 10), a maioria aponta a possibilidade de ingressar no Ensino Superior, sendo 6 alunos, aqueles que afirmam que vão ingressar.

Também questionámos quanto aos cursos a seguir e as respostas encontram-se entre Direito, Psicologia, Desporto, Línguas e Relações Empresariais, e ainda os que, embora pretendam seguir, não sabem que curso escolher.

Como forma de percebermos as razões que levaram os alunos a seguirem este caminho, que agora traçam, questionámos os motivos da escolha do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades e no que diz respeito à disciplina de História, interrogámos que matérias de História mais gostavam.

Os alunos apontaram diversas motivações para a escolha do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades, das quais destacamos, desde logo, o gosto pelas disciplinas que estão associadas a este curso, como a História e a Geografia. É curioso reparar que como motivos também estão incluídos o não gostarem de matemática.

Nesta turma do 12º ano, é na verdade possível verificar as suas preferências quanto aos conteúdos, pois os alunos participam bastante nas aulas e mostram-se interessados, embora por vezes distraídos, o que é visível também nas notas.

No fim do segundo período uma das alunas anulou a matrícula, fazendo com que a turma perfizesse os 14 alunos. No entanto, e como já tem sido assistido nesta escola, mesmo no terceiro período chegam novos alunos à escola e consequentemente à turma, pelo que a turma de História do 12º ano retomou aos 15 alunos com que iniciou o ano letivo.

Apesar do ambiente sociocultural dos alunos, dentro do espaço escolar e especialmente na sala de aula, mostram-se interessados e disponíveis para participarem, o que facilita o papel do professor e do mestrando.

### **3ª Parte – Prática Pedagógica**

Com incidência no programa do 12ª ano, as unidades temáticas escolhidas para as aulas lecionadas foram ao encontro do interesse por elas motivadas e também por suscitarem aquilo a que nos propomos desenvolver neste trabalho.

#### **Aula 28 de Setembro**

##### **Planificação da Aula**

Para primeira aula, a planificação foi realizada com apoio de diversos recursos, para tornar a aula o mais rica possível em conteúdos científicos e em curiosidades que despertassem o interesse dos alunos.

Com intenção de visualizar o filme “Outubro”, de Eisenstein, era importante saber enquadrar as imagens do filme com os conteúdos a abordar com os alunos. Nesse sentido foram utilizados como recurso, além do manual escolar de História, livros de História do Mundo, revistas científicas e livros que abordam este tema mais em pormenor.

Para esta aula foram utilizados o manual utilizado pelos alunos, “*Um novo Tempo da História*”, da Porto Editora, e a enciclopédia História do Mundo, das Selecções da Reader’s Digest, nomeadamente o volume com o título “O início de uma nova era, de 1901 a 1925”, que aborda a Revolução Russa e em especial, para esta primeira aula, os capítulos “Domingo Vermelho” e a “Queda do Czar”.

Como complemento, foram também utilizados os livros “*A Evolução da Rússia*”, de Otto Hoetvsch, e “*1917 – A Rússia em Revolução*”, de Nicolas Werth. O primeiro, que aborda a História da Rússia e o segundo, que retrata os tempos da Revolução Russa e os seus desenvolvimentos.

Esta aula foi planificada para ser a introdução dos conteúdos programáticos “A implantação do marxismo-leninismo na Rússia; a construção do modelo soviético” e da visualização do filme “Outubro”, como já referido. Era, por isso, importante que a planificação fosse ao encontro dos conhecimentos dos alunos, uma vez que este tema já tinha sido abordado no 9º ano, e que apresentasse as principais figuras e os principais acontecimentos da Revolução Soviética.

A bibliografia apresentada acima serviu de base para a apresentação introdutória dos conteúdos e para o desenvolvimento dos mesmos com recurso a trechos ou a informações patentes nessas obras.

Com a utilização do filme, a planificação foi um pouco mais fácil de elaborar, uma vez que o principal foco seria o filme e a interpretação das suas imagens em debate com os alunos.

## A aula

Como mote para a primeira aula, cuja temática incidia sobre a Revolução Russa, na planificação estava incluída uma breve apresentação dos antecedentes da Revolução de Fevereiro de 1917 e das personagens que iríamos acompanhar, seguida de uma breve biografia de Sergei Eisenstein a antever a visualização do filme “Outubro”.

O sumário do dia 28 de setembro foi “Os caminhos para a Revolução. A revolução Russa, visualização do filme “Outubro” de Sergei Eisenstein”. Seria através do filme que os conteúdos se abordariam de uma forma inicial, para que nas aulas seguintes se compilhassem todas as informações obtidas e se sintetizassem os conceitos lecionados, para que os alunos melhor compreendessem o tema da Revolução Russa e a sua importância.



Figura 11 Capa do filme Outubro



Figura 12 Capa do filme Outubro

A anteceder o filme foi utilizado o recurso digital PowerPoint, incluído nos anexos, com o intuito de os alunos associarem os nomes às caras dos personagens que se destacam neste período, mais concretamente a família real Romanov, assim como algumas imagens de filmes que retratam esta mesma história. Foram também dadas informações introdutórias e curiosidades que previam a composição de uma música que nos iria acompanhar pelas três aulas que pretendíamos lecionar.

Apesar de algumas dificuldades na apresentação do filme, devido às ligações entre o computador e o projetor, rapidamente iniciamos a sua visualização.

A escolha deste filme continha vários propósitos. Entre outros, como ponte entre os antecedentes da Revolução de Outubro, permitia aos alunos vislumbrar a realidade do quotidiano da Rússia nas vésperas da revolução. Assim como, dado ser um filme mudo, permitir a análise e formulação de comentários relativos aos conteúdos que estavam a ser visualizados. Nesse sentido, foi pedido por diversas vezes que os alunos indicassem o que estavam a vivenciar, revelando as suas opiniões sobre as imagens e acontecimentos que passavam na tela.

A participação dos alunos para este tipo de atividade é de grande relevância, pois permite que a abordagem do filme siga determinado rumo, consoante o que os alunos apontam como opinião, ideias ou dúvidas.

De uma forma geral, a turma aderiu à atividade e foi possível abranger todos os conteúdos pretendidos para esta aula. Foram deixadas algumas questões para a aula seguinte, para serem abordados com maior rigor e pormenor. O filme tinha como principal propósito introduzir a temática e levar os alunos a construírem os seus conhecimentos através das sequências de imagens.

Para que melhor fosse executada a atividade do filme, a realização de um guião, ou mesmo de um questionário, seria um bom apoio para os alunos seguirem o filme com mais atenção. O guião, ou questionário, colmatava determinados conteúdos de uma forma mais clara para os alunos, pois já teriam em mãos algumas diretrizes auxiliares à construção do conhecimento. Apesar das explicações dadas a cada sequência de imagens, os conteúdos a lecionar compõem-se com muitas alterações, que numa primeira abordagem formulam dúvidas de como realmente foram os acontecimentos. Nesse sentido, o guião seria uma boa forma de organizar a informação que sequencialmente ia sucedendo às sequências de imagens do filme.

Apesar de não ter sido utilizado um guião, a visualização do filme e os comentários efetuados no decorrer das cenas permitiram aos alunos desenharem uma imagem dos acontecimentos e assim construírem conhecimento, que iria ser desenvolvido nas aulas seguintes.

## **Aula 2 de Outubro**

### **Planificação da Aula**

Com aproveitamento do filme visualizado na aula anterior e como forma de clarificar os conteúdos abordados, foram retomados alguns conceitos que eram importantes que os alunos os percebessem.

Utilizando algumas informações retiradas das obras já mencionadas, acrescentamos informações de outros livros sobre a História da Rússia na planificação, como “*Rússia e Europa, uma parte do todo*”, de José Milhazes, que permitiu a inclusão de textos que resumiam a matéria e permitiram desafiar os alunos em pequenos debates. Foram também utilizados artigos de revistas científicas, lançadas nesta altura pela comemoração do centenário da Revolução Russa, como a revista “Super interessante” com o título “1917-2017 – Cem anos da Revolução Soviética”.

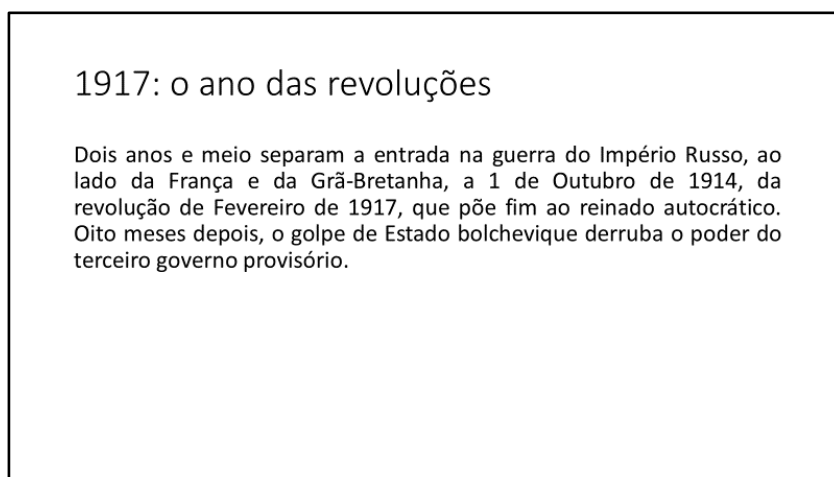
Esta aula tinha na sua planificação, como referido, a clarificação de alguns conteúdos e conceitos e a apresentação da evolução política decorrente das revoluções, de onde resulta a pertinência da bibliografia apresentada, assim como esquemas sínteses que foram adaptados dos existentes nos livros “Revisões para Todo o Ano - História 9º” e do “Sínteses Esquemáticas – História A 12º”.

### **A Aula**

Na segunda aula, realizada no dia 2 de outubro, após a questão do que os alunos se recordavam da aula anterior, mais propriamente do filme, retomámos os conteúdos de forma a sintetizar a informação já abordada e a introduzir novos conteúdos, neste caso em particular as formas políticas utilizadas no pós-revolução, que já tinham sido reveladas na sequência do filme.

O sumário da aula teve em vista abarcar as duas revoluções, tal como as medidas políticas utilizadas, por isso, no mesmo constava: “1917: O Ano das Revoluções. Da democracia dos soviets ao centralismo democrático”.

Nesse sentido a aula iniciou-se com o pedido de um voluntário para a leitura de um excerto, presente no PowerPoint, sobre o ano de 1917: o ano das revoluções. Após a leitura é feita a interpretação do seguinte texto (Fig.12), presente na obra Nicolas Werth, 1917 A Rússia em revolução:



**Figura 13 Slide 8 do Power Point sobre a Revolução Russa**

Através deste texto pretendíamos que os alunos analisassem os acontecimentos de 1917 como uma cadeia de eventos que se vão sucedendo e que são alavancas a despoletar outros acontecimentos, neste caso o texto demonstrava não só as revoluções de 1917, como os seus antecedentes.

É também por este texto que os alunos podiam observar a velocidade dos acontecimentos da Revolução e de que em simultâneo ocorreram vários acontecimentos noutros locais, decorrentes da continuação da Grande Guerra.

Para explicar a Revolução de Fevereiro, recorremos a textos e imagens da época, utilizámos também comparações com as imagens visualizadas no filme da aula anterior, pois este foi utilizado como recurso para os alunos terem uma ideia de como ocorreram os acontecimentos que originaram a Revolução Russa.

Antes de passar para a Revolução de Outubro a turma foi questionada se tinha dúvidas em relação à Revolução de Fevereiro, visto que ocorrem diversas alterações em pouco tempo, isso poderia motivar dúvidas. Como não foram apresentadas dúvidas sobre esta parte, avançámos para a Revolução de Outubro, à qual voltamos a solicitar a participação da turma.

Antes de recorrer a questões relativas à Revolução de Outubro, achámos por bem incluir uma pequena biografia (Fig. 14) de um dos homens que mais contribuiu para a revolução e que a liderou até à sua morte, referimo-nos a Vladimir Ilitch Ulianov, conhecido como Lenine.

O nome de nascimento de Lenine foi utilizado para despertar a curiosidade dos alunos quanto a esta temática e quanto ao personagem que iríamos apresentar nesta sequência de acontecimentos.

Notámos alguma dificuldade em perceber as alterações políticas da Rússia, porém é nos nomes dos intervenientes que surgem mais questões.



Figura 14 Slide 13 da apresentação Construção do modelo soviético

Depois desta breve biografia (Fig.14) foi solicitado aos alunos para lerem um dos seus discursos, presente no PowerPoint (Fig.15), este que marcava o fim do governo provisório e que demonstrava os principais objetivos da Revolução de Outubro.

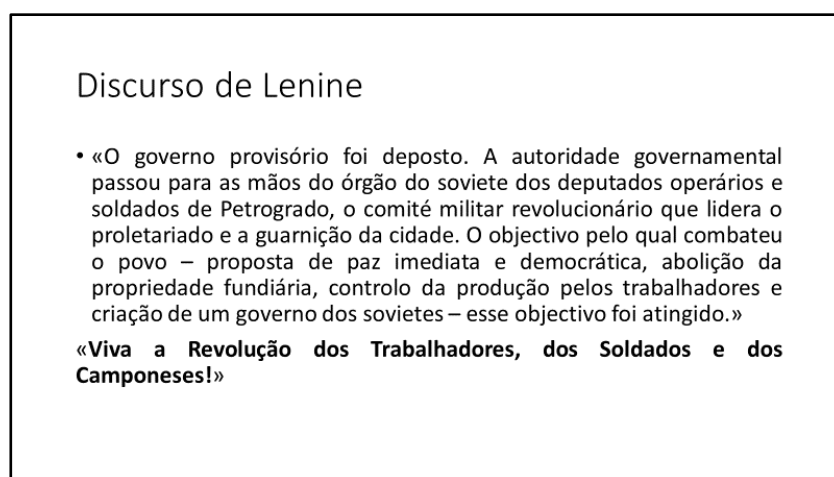


Figura 15 Slide 15 - O Discurso de Lenine



Outros textos, presentes no manual, também foram lidos e analisados para que os conteúdos fossem, da melhor forma, compreendidos pelos alunos. As leituras de documentos suscitam o aparecimento de dúvidas, desde logo motivadas pelo desconhecimento dos alunos de alguns conceitos, que são esclarecidos no momento.

Certas cenas do filme foram utilizadas para reforçar algumas das ideias que a revolução levantava e serviam como melhor forma dos alunos compreenderem conceitos que por vezes são difíceis de explicar apenas por palavras.

Ao explicar os objetivos da Revolução de Socialista, através de um pequeno esquema, existente no PowerPoint em anexo, os alunos demonstraram algumas dúvidas, nomeadamente na questão da nacionalização da banca. Nesse sentido, foi necessário explicar o que significa “nacionalizar” e também o momento de questionar os alunos sobre o significado de “comunismo”, conceito que nenhum deles consegue, de momento, explicar.

Após o intervalo, retomou-se a matéria, avançou-se para a ditadura do proletariado e posteriormente para a Nova Política Económica (NEP). Com a leitura de alguns documentos traçámos o percurso entre a Democracia dos Sovietes e o centralismo democrático que concluiu na NEP.

A explicação destes conceitos, como Comunismo, NEP, etc., foi um pouco mais complicada porque envolviam ideias um pouco contrárias, mas que têm de ser compreendidas, para que se perceba a construção do mundo soviético e as suas repercussões para a Humanidade. Foi nesse sentido que recorremos a analogias do dia-a-dia para que os alunos compreendessem os conceitos e a sua importância.

Como forma de concluir a aula foi apresentado o seguinte trecho (Fig. 16) de José Milhazes, para que os alunos interpretassem e desenvolvessem um breve resumo da aula e de todos os conteúdos abordados sobre a Revolução Russa.

«Se a revolução de Fevereiro de 1917 levou ao fim da monarquia na Rússia e à implantação de uma república democrática e pluralista, aproximada mais da Europa Ocidental, a Revolução Bolchevique de Outubro do mesmo ano mudou radicalmente as relações existentes com a Europa Ocidental. pela primeira vez, na sua História, a Rússia (União Soviética a partir de 1922) deixou de se comparar com essa Europa e transformou-se, ela própria, num modelo ideológico, não só para o Velho Continente mas, também, para todo o mundo.»

Rússia e Europa. Uma parte do todo, José Milhazes, p. 39.

**Figura 16 Texto de José Milhazes apresentado no PowerPoint**

De seguida, ainda com tempo de aula, foi lido um documento do manual, como reforço às conclusões obtidas com a interpretação do texto. Nestes últimos minutos surgiu a discussão sobre o comunismo, que envolvia mais ativamente os alunos.

Para explicar da melhor maneira as dúvidas apresentadas, foram novamente utilizadas analogias que simplificavam as questões políticas e económicas do comunismo. Muitas das analogias utilizadas foram exemplos de cenas ou de frases presentes em filmes.

Em análise a estas duas aulas podemos comprovar que a visualização do filme facilitou a exemplificação de algumas questões que se demonstram mais complicadas e que como no momento da visualização do filme não puderam ser abrangidas na sequência das imagens, foram deixadas para a aula seguinte, a qual possibilitou a síntese de todos os conteúdos.

Com recurso ao filme foram retomadas, na segunda aula, algumas questões da Revolução Russa. Referimo-nos a questões que abarcavam as maiores dúvidas dos alunos, como a mudança de líder político, ou seja, questões relativas ao aparecimento de uma nova revolução, ocorrida em Outubro de 1917, que estava contra as medidas implementadas pelo Governo Provisório do pós revolução de Fevereiro, justificando assim o motivo pelo qual o sumário aborda o ano de 1917 como sendo o ano das revoluções.

O PowerPoint visualizado na primeira aula foi aproveitado para relembrar os rostos de figuras que marcaram o período em que as aulas se situam, porém o suporte informático foi atualizado e aumentado com informações relevantes para o que a planificação previa. Deste modo, incluímos imagens e retratos de pessoas que se demarcaram neste período, assim como conceitos, esquemas ou pequenas frases com o intuito de estabelecerem ligações diretas com os conteúdos abordados.

Embora a aula tivesse um formato diferente da primeira aula, muito apoiada no filme, esta, a segunda, decorreu com normalidade e com a solicitação de uma maior participação dos alunos em vários momentos, embora a aula fosse mais apoiada no PowerPoint, que continha pequenos textos, e nos documentos presentes no manual.

A linguagem utilizada nas aulas foi simples, de forma a ser acessível aos alunos, e permitir uma participação mais ativa em momentos de debate dos conteúdos. Como alguns dos conceitos ou palavras utilizadas tinham a sua dificuldade, por serem derivadas da língua russa, esse pormenor linguístico foi aproveitado como curiosidades, tentando assim motivar os alunos a pesquisarem mais sobre estes assuntos.

### **Aula 3 de Outubro**

#### **Planificação da Aula**

Com a conclusão dos conteúdos das aulas anteriores, referentes à construção do modelo soviético, surgia agora a planificação dos conteúdos sobre a regressão do Demoliberalismo.

Era importante que os alunos aprendessem o significado de alguns conceitos fundamentais para a compreensão desta temática, como Comunismo, Ditadura e Liberalismo. As definições utilizadas destes conceitos foram as que são usadas pelo manual escolar da Porto Editora, “Um novo Tempo da História”, que os alunos utilizam.

Como forma de expor a matéria de uma maneira mais simplificada, a planificação desta aula foi realizada com apoio de livros de resumo, quer de preparação para exame, livros de síntese e de resumo da matéria.

Era importante que os alunos percebessem a ligação entre os movimentos autoritários e a Revolução Russa. Assim sendo foram aproveitados os conteúdos lecionados nas aulas anteriores, motivo pelo qual esta planificação ainda conta com questões dessas aulas, como forma de introduzir os novos conteúdos a lecionar.

## **A Aula**

A terceira aula, realizada no dia 3 de outubro, previa a conclusão da temática da Revolução Russa, com a apresentação das vertentes económica e social, tal como o seu impacto na Europa. Dando por concluídos os conteúdos referentes à Revolução Russa e como não foram declaradas dúvidas, seguimos com a matéria, ao qual iríamos, agora, abordar a regressão do Demoliberalismo. Por estes motivos o sumário compôs-se por: “A Regressão do Demoliberalismo. A Emergência de autoritarismos.”

A aula teve como começo deste novo tema a discussão de conceitos, uma vez que no ano anterior, 11º ano, foram abordadas as questões do liberalismo. Era agora o momento de colocarmos os conhecimentos dos alunos em prova, questionando sobre os conceitos de liberalismo, demoliberalismo, e mais em frente de comunismo e de ditadura.

Aproveitando as aulas anteriores para introduzir esta nova temática, falámos do Komintern, do impacto do socialismo revolucionário em todo o mundo e de como o receio deste novo modelo político influenciou a emergência dos autoritarismos na Europa.

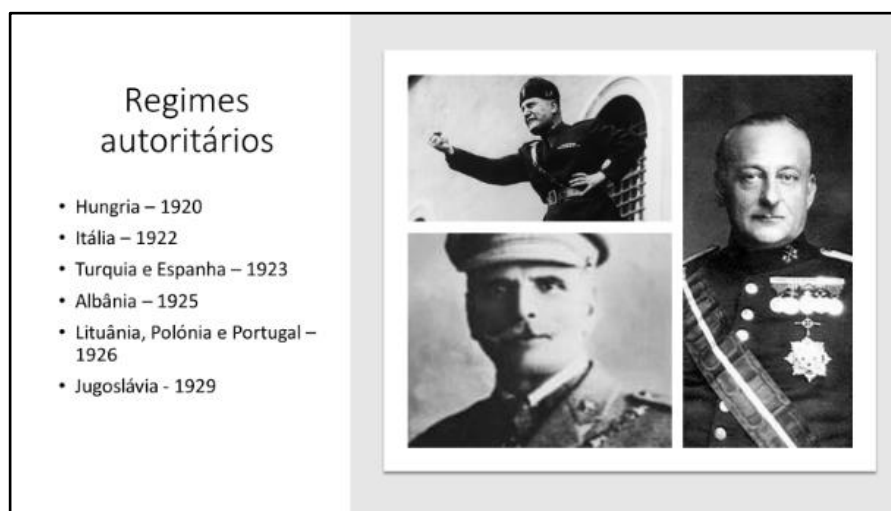
Ao explicar os motivos pelos quais os autoritarismos surgiram, solicitámos um voluntário para a leitura de um documento relacionado com a emergência do autoritarismo. O texto foi lido por parágrafos, para a cada um ser realizada uma pequena análise do escrito e construir o conhecimento dos conteúdos.

Os alunos participaram ativamente na aula e colocaram dúvidas, por isso achámos por bem abordar os vários movimentos que surgiram na Europa, com especial enfoque para Portugal, realizando uma pequena ponte entre a 1ª República, matéria anteriormente lecionada, e a ditadura militar. Foram também deixadas no ar algumas questões relativas ao Estado Novo, tema abordado pela colega Vanda Serrão em aulas seguintes.

Foi ao abordar o aparecimento de movimentos autoritários que se iniciou um debate sobre as questões de comparação entre os movimentos autoritários e o comunismo, com enclave para o mundo atual. O que não estava presente na planificação de aula, mas que a enriqueceu e permitiu uma abordagem mais ampla dos conteúdos programáticos, assim como de assuntos de cidadania, como é exemplo a questão das eleições e do direito de voto dos cidadãos. Para algumas destas questões foram utilizados exemplos que os alunos visualizaram no filme “Outubro”.

No regresso do intervalo foi retomada a discussão em volta do comunismo e da democracia. No seu desenvolvimento e regresso aos conteúdos relativos à regressão do demoliberalismo, apresentámos exemplos de movimentos autoritários, como em seguida demonstrado na figura 17, e falámos de cada um, enquadrando as motivações individuais no quadro das motivações gerais da adesão a estes movimentos.

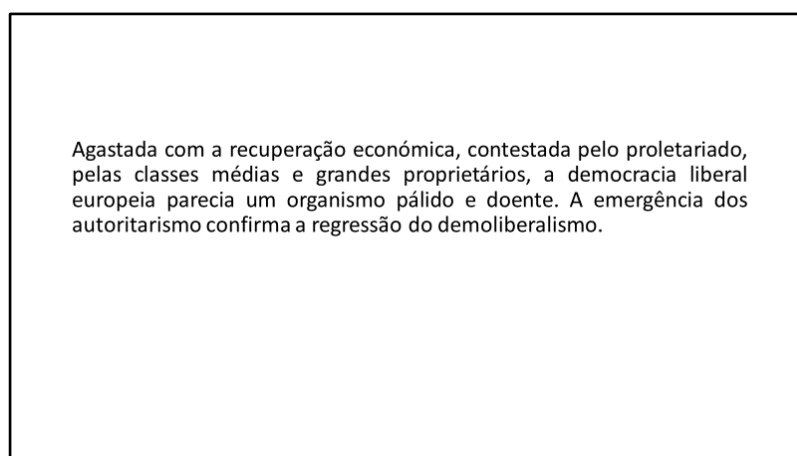
Além dos movimentos autoritários já conhecidos, não podíamos deixar de parte alguns outros não tão falados, mas que marcaram a sua importância na História Mundial. A História de Portugal tem aqui a sua importância, sendo um exemplo destes movimentos autoritários. Como tal aproveitámos estes conteúdos para incluir a História de Portugal no plano da História do Mundo.



**Figura 17 Slide 7 da apresentação Regressão do Demoliberalismo**

Recorrendo novamente ao manual e aos documentos, analisámos todos os conteúdos abordados anteriormente. O objetivo destas leituras para além de simplificar o entendimento da matéria, era o de fomentar o debate na turma, através de paralelismos entre os acontecimentos descritos nos documentos e os dias de hoje.

A utilização da leitura de textos, como o presente na figura 18, foram úteis para que os alunos construíssem o seu conhecimento através do desenvolvimento das suas capacidades de análise.



**Figura 18 texto apresentado**

Este breve parágrafo (Figura 18) teve como objetivo, para além da interpretação do texto, permitir aos alunos desenvolverem um breve resumo dos conteúdos lecionados. Serviu também para avaliar as aprendizagens dos mesmos.

Prestes a terminar a aula apresentámos um esquema síntese, de forma a sintetizar toda a matéria que nesta aula foi abordada e que faz uma ponte com a matéria que iria ser lecionada mais tarde, as Opções Totalitárias.

Esta aula, além dos conteúdos planificados, teve o intuito de esclarecer como as consequências da Grande Guerra e da Revolução Russa contribuíram para a emergência de Estados Totalitários, através da regressão do demoliberalismo e de movimentos autoritários, como a Ditadura Militar em Portugal.

Nela pretendíamos sintetizar toda a matéria da Revolução Russa e das consequências da Grande Guerra, fazendo com que a aula constituísse uma revisão de alguns conteúdos. Por esse motivo os conteúdos propostos a lecionar eram relativos à regressão do demoliberalismo e à emergência de autoritarismos, que potencializavam a realização das revisões e de esclarecimento de dúvidas.

Ao longo das aulas foram incluídas algumas curiosidades, na tentativa de incentivar os alunos a pesquisarem e a estudarem estes conteúdos. Às curiosidades, os alunos demonstraram muito interesse, tendo mesmo pesquisado na aula, através dos seus telemóveis, algumas informações, como por exemplo imagens de Lenine embalsamado.

De forma genérica, os alunos participaram nas aulas, apresentando as suas dúvidas e questões relativas às curiosidades e conteúdos. Dado ser uma temática complexa e com muitos acontecimentos seguidos, as dúvidas e dificuldades iniciais eram visíveis. Todavia foram novamente abordadas algumas questões mais prementes na aula de esclarecimento de dúvidas para o teste, pois os alunos afirmavam que esta parte continha muita matéria.

## **Aula 6 de Novembro**

### **Planificação da Aula**

Com a temática das Opções Totalitárias, preparámos nesta planificação de aula um vídeo para mostrar aos alunos no fim da aula, com diferentes exemplos dos conteúdos e das personagens que nos iriam acompanhar nas seguintes aulas.

Nesse sentido a planificação da aula pretendia abordar o período entre as duas grandes guerras e o aparecimento dos totalitarismos. Este conceito foi apresentado segundo a definição do manual “*Um novo Tempo da História*”, tal como os conceitos de Fascismo e Nazismo.

Para esta aula recorreremos a alguns dados que constam na revista Visão História, “1933 O ano em que tudo começou”, pois algumas das curiosidades apresentadas por estas revistas científicas são bastante úteis para exemplificar os conceitos e os conteúdos abordados.

Com recurso ao livro de preparação para o exame final de História A, retirámos os tópicos que correspondem à caracterização dos totalitarismos, por serem uma forma mais simples de explicar, visualizar os conceitos e perceber os conteúdos.

## A Aula

Aula dedicada ao aparecimento dos totalitarismos, enquadrado com as situações sociais e económicas do pós-guerra e com a emergência dos movimentos autoritários, abordados em aulas anteriores. É por este contexto que o sumário da aula foi: “As Opções Totalitárias”.

Para começo da aula, os alunos foram informados que a sequência da matéria se encontrava numas páginas anteriores, devido a aproveitamento de uma temática, que no manual se encontra mais à frente e que foi lecionada pela mestrandia Daniela Guinapo.

Com especial atenção para dois exemplos de totalitarismo em concreto, foram apresentados o modelo fascista e nazi, dois dos principais modelos totalitários, deixando para mais tarde o Estalinismo. Para iniciar esta temática foi apresentada uma imagem (Fig. 19) introdutória para que os alunos identificassem os indivíduos presentes na imagem, o que o fizeram rapidamente.



**Figura 19** Slide de apresentação dos conteúdos

A aula, inicialmente, concentrou-se no enquadramento temporal do aparecimento dos totalitarismos, o pós-Grande Guerra, e nos conceitos que nos iriam acompanhar nas aulas que se seguem, como Totalitarismo, Fascismo e Nazismo.

Para abordar estes conceitos foi questionado aos alunos o que consideravam ser aqueles conceitos, iniciando assim uma pequena discussão sobre os mesmos.

À questão “O que é ser Totalitário?”, alguns alunos responderam que era a concentração de poderes numa única pessoa. Como forma de auxiliar os alunos, questionámos o que significa a palavra “totalitário”. Os alunos participaram ativamente na tentativa de chegarem à definição de totalitário.

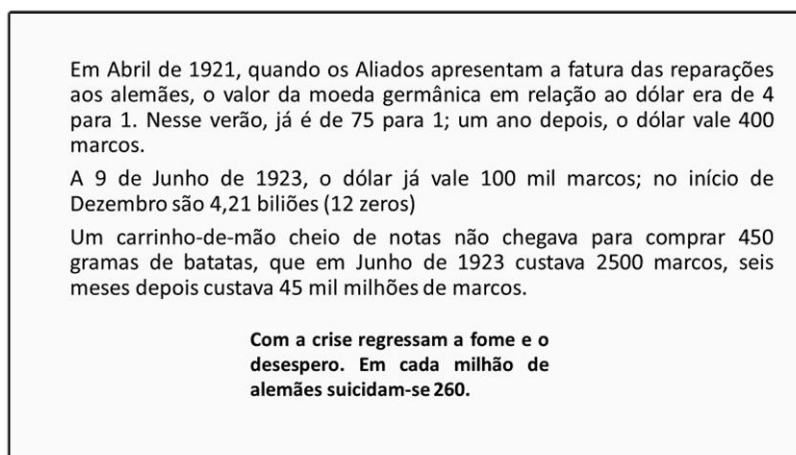


Com esta abordagem e após a discussão e reflexão foram projetados slides com definições dos conceitos, que, acompanhados pela leitura de documentos do manual, auxiliam na compreensão dos conteúdos. Surgiu também neste ponto um retomar às aulas anteriores, pelo que questionámos os alunos quanto ao aparecimento dos totalitarismos.

Também foi questionado o conceito de Fascismo, ao que alguns alunos responderam que era o implementar de uma ditadura, um sistema militar e polícia política. Para melhor explicar este conceito solicitámos aos alunos um voluntário para em voz alta ler um documento do manual, na página 113, documento esse que explica o conceito e, que com a leitura e análise, permitiria aos alunos construírem os seus conhecimentos. Paralelamente foi apresentado o conceito de Nazismo.

Estabelecido o entendimento sobre os conceitos, era agora pertinente falar sobre o aparecimento dos totalitarismos em Itália e na Alemanha e da situação económica e social de cada um dos países. Através da leitura de textos do manual e de um pequeno esquema síntese fomos construindo os conhecimentos em volta deste tema.

Foram também aqui indicadas algumas curiosidades como por exemplo o que era o símbolo do partido fascista, ou a queda dos valores da moeda na Alemanha, curiosidades que justificavam, neste último caso, a adesão da Alemanha ao totalitarismo. Um dos exemplos que mostrou maior interesse e graça por parte dos alunos foi o apresentado na figura 20:



**Figura 20 Exemplos das razões para a adesão totalitarismos**

Ao que um dos alunos comentou que apesar de não comprar batatas, estas eram muito caras. Foi possível, através deste exemplo, demonstrar aos alunos alguns dos motivos da adesão a movimentos totalitários. Assim como, no caso alemão, o nazismo ter sido tão bem aceito.

Tornava-se importante neste ponto da aula apresentar as características dos Totalitarismos, ou seja, aquilo que estes defendiam e aquilo com o qual combatiam.

Já abordados os conceitos e as características envolvidas no tema das Opções Totalitárias e ainda com tempo de aula, foi proposta uma atividade que se compunha pela visualização de um vídeo.

Com a visualização e análise do vídeo, compilado com discursos de Hitler e de Mussolini, em comparação com discursos presentes em filmes atuais como: Capitão América - O Primeiro Vingador; Star Wars - O Despertar da Força; e o clássico do cinema “O Grande Ditador”; pretendíamos que os alunos identificassem as características dos discursos totalitários e a sua presença nos mais diversificados contextos, sendo um dos exemplos os filmes.

Apesar de grande parte do vídeo ter sido apresentado, não chegou a ser concluído e analisado como pretendido, uma vez que com alguns problemas na exibição do mesmo, o seu começo foi moroso, tendo alcançado o fim da aula sem chegar ao seu término.

O vídeo iria ser retomado na aula seguinte, sofrendo algumas modificações para que apenas passassem as cenas mais relevantes para discussão em aula. Isto importa na apresentação de um discurso de Hitler em comparação com o discurso de Charlie Chaplin no filme “O Grande Ditador”.

Do que pode ser analisado por esta atividade, os alunos mostraram-se atentos e interessados pela abordagem diferente da aula. A diversidade utilizada nas aulas motiva os alunos, que, por norma, gostam de visualizar filmes e participam depois na sua análise, como já verificado nas primeiras aulas, em que os exemplos tirados do filme foram utilizados em todas as aulas subsequentes.

Esta atividade mostrava a sua diferença por não ser um filme, dito normal, mas um conjunto de cenas compiladas que em conjunto formularam um vídeo ilustrativo do discurso totalitário. As cenas escolhidas tinham como propósito serem

de filmes que os alunos potencialmente visualizam sem terem presente o contexto histórico que eles podem representar, o que origina uma atividade bastante interessante, dado que comentam desde logo os personagens ou de que filme estas imagens são oriundas, demonstrando já as terem visto ou tomado conhecimento. Como exemplo disto, há o comentário de uma aluna que ao ver um dos personagens desses discursos afirmou ser do filme “Star Wars”.

Este vídeo cria uma forma diferente de apresentar os filmes na aula, pois se nas primeiras aulas, sobre a Revolução Russa, apresentámos um filme por completo, aqui reunimos várias cenas de diversos filmes, para formular um vídeo em que as comparações fossem mais rapidamente produzidas e visualizadas pelos alunos. É também possível reunir uma maior quantidade de cenas que justificam a comparação dos conteúdos abordados.

Contudo, a apresentação dos filmes continua a ser uma atividade que pretendemos, sempre que possível, potenciar em aula, assim como a produção de pequenos vídeos que podem auxiliar os filmes na passagem da mensagem aos alunos.

## **Aula 7 de Novembro**

### **Planificação da Aula**

Aula planificada segundo os conteúdos abordados na aula anterior, com especial atenção aos conteúdos científicos, uma vez que o tema assim o obriga, dada a sua complexidade e pela presença do professor Miguel Monteiro.

Além dos textos escolhidos do manual utilizado pelos alunos, foram também aproveitadas outras informações retiradas de outro manual da Porto Editora, Cadernos da História A, e outras obras já referidas, com especial atenção às práticas ideológicas dos totalitarismos, à sua visão de Estado, às suas ações perante a sociedade e com relevo aos Homens que se destacaram neste período enfrentando os totalitarismos.

Nesta sequência, além do manual, como já referido, também utilizamos para esta planificação a revista Visão História, “1933 – O ano em que tudo começou”, pela sua pertinência quanto a algumas das questões que planificámos tratar. Foi

também utilizado um livro sobre a vida de Aristides de Sousa Mendes, de José Jorge Letria<sup>67</sup>, por ser um exemplo de Homem, com grandes feitos e por ser português.

## **A Aula**

Devido ao problema existente na sala do 12º ano, nomeadamente a questão do projetor que não funcionava, foi necessária a mudança de sala, o que gerou uma maior confusão, stress e atraso no início da aula.

Esta aula, em particular, foi diferente das outras, uma das razões foi pelas presenças de mais professores na sala, uma vez que foi o dia em que o professor Miguel Monteiro avaliou a nossa prestação, tendo sido acompanhado por outros colegas do mestrado. Neste contexto a sala de aula compunha-se pelos alunos, a professora cooperante Noémia Braz, as mestrandas Daniela Guinapo e Vanda Serrão e ainda contámos com a presença dos mestrandos Nuno Sousa e Nuno Graça. Dadas as circunstâncias, os nervos eram maiores, tendo-se refletido concretamente na maior rapidez com que os conteúdos foram abordados. Após o intervalo houve um maior retorno à normalidade das aulas que até aqui tínhamos lecionado.

Para começo da aula foi apresentado o fim do vídeo que tinha sido visualizado na aula anterior, com enfoque para um discurso de Hitler e um de Charlie Chaplin no filme “O Grande Ditador”. A intenção era que, após a visualização, houvesse comentários por parte dos alunos relativamente às posturas tomadas por cada um dos envoltivos, as suas semelhanças e as suas diferenças.

Na planificação desta aula estava prevista a abordagem do culto do chefe, a propaganda e a violência associada a ambos os modelos políticos, para que os alunos fossem capazes de compreender a expansão dos regimes autoritários e de caracterizar a ideologia fascista. Através de um PowerPoint introduzimos uma frase de Hitler, para que os alunos dessem a sua opinião. Ainda envergonhados pela presença de outros professores, demoraram nos comentários e só alguns participaram com alguma regularidade. Porém a aula iniciou-se com normalidade, mesmo com as dificuldades iniciais da entrada em sala de aula.

---

<sup>67</sup> José Jorge Letria, *Aristides de Sousa Mendes, homem de coragem*, Lisboa: Terramar, 2004.

A frase de Hitler escolhida para abrir as portas ao que hoje nos propúnhamos apresentar, era a seguinte: «Mais probabilidade de fazer passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que descobrir um grande homem por meio de uma eleição».

A intenção desta imagem, como introdução dos conteúdos que nos propúnhamos apresentar, era a de fazer uma ponte com as aulas anteriores, nomeadamente no que diz respeito ao aparecimento e às características dos totalitarismos e à regressão do demoliberalismo e de, através da interpretação da frase, iniciar a caminhada para o culto do chefe e dos seus feitos.

Abordando em primeiro lugar o fascismo italiano, era importante estabelecer algumas definições de conceitos, neste caso o conceito de Estado e de como o fascismo desenvolvia a sua relação com esse Estado (Fig. 21).


**“O Estado é tudo, o indivíduo nada” - Mussolini**

O Fascismo teorizou e defendeu uma mística do Estado e da Nação.

**Estado**

↓

Corpo único que incorpora todos o indivíduos, todos os interesses e absorvia todos os conflitos



**Figura 21 Definição de Estado**

Ao apresentar o slide anterior (Figura 21), iniciou-se a discussão sobre a definição de Estado, sobre o qual pretendíamos observar o entendimento dos alunos quanto a este conceito tão utilizado neste período, quanto nos dias de hoje, com variadas interpretações.

Tal como em aulas anteriores, também nesta, foram utilizadas algumas curiosidades e, essencialmente, discursos ou frases dos homens que mais marcaram o seu tempo no que toca a estes conteúdos. Neste caso foram projetadas algumas frases de Mussolini. Destas frases há que ressaltar umas que eram os motivos pelo qual chegou ao poder e os seus objetivos. Outras sobre previsões do poder que a Alemanha iria obter e da posição que a Itália iria tomar face a esse poder alemão.

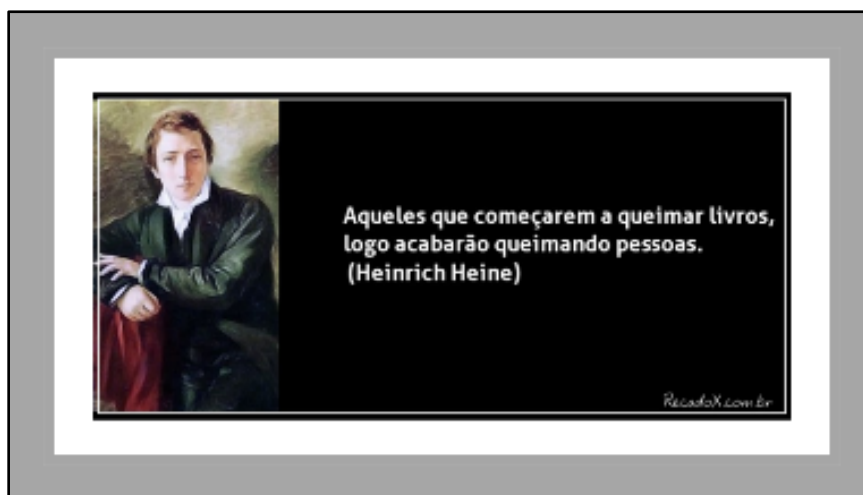
Exemplos dessas frases são: “Fazei com que as glórias do passado sejam superadas pelas glórias futuras” e “A Europa será dominada pela Alemanha. Os estados vencidos serão colónias. Os estados associados, províncias confederadas. Destas, a mais importante é a Itália. É preciso aceitar este estado de coisas, porque qualquer tentativa de reação faria com que passasse da condição de província confederada para a outra, bem pior, de colónia”.

A leitura e interpretação destas frases permitiu construir um conhecimento sobre a posição da Itália em relação à Alemanha e de como o autoritarismo fascista cresceu e apoiou o nazismo.

Falando destas figuras, Hitler e Mussolini, era de relevo abordar a questão do culto do chefe, culto esse que é levado à promoção de heróis, salvadores, etc. e que de grande importância era para a manutenção do Estado totalitário. Muitos destes cultos eram realizados através de uma enormíssima propaganda em volta da imagem do chefe e também do controlo das massas, que poderia ser executado, como explicado aos alunos, por diversas formas, desde a física à intelectual.

É neste ponto da propaganda e na sequência da visualização da imagem mostrada em slide, que existe uma referência a um livro e filme, “A Rapariga que Roubava Livros”, que muito fala sobre como o controlo das massas e a propaganda eram realizados. Questionados quanto à forma como os feitos destes homens poderiam ser divulgados, os alunos responderam: através do cinema, das propagandas e da rádio. Foi ainda solicitado que recorressem ao manual para juntos analisarmos um documento que aborda o meio de propaganda e o controlo das massas.

Mais uma vez, utilizamos uma frase para que os alunos pudessem comentar e, assim, melhor compreender estes conteúdos. Escolhemos a frase, que se encontra na figura 22, e que foi alvo de um pequeno debate sobre aquilo que o autor tencionava dizer com estas palavras.



**Figura 22 Imagem com texto apresentado para debate**

É curioso notar algumas das intervenções dos alunos, pois além da interpretação mais à letra, uma das alunas afirmou que ao queimar os livros também se queima o conhecimento, em analogia às pessoas escritas na frase. Foi uma intervenção muito boa e que permitiu demonstrar a importância que o conhecimento tem para a formação do cidadão e de como uma pessoa menos instruída pode ser mais facilmente influenciada a fazer aquilo que uma figura de postura totalitária pretende que se faça.

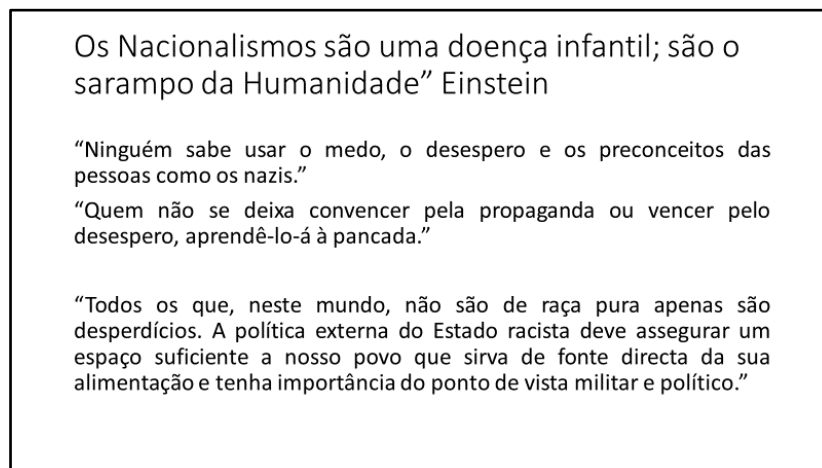
Aproveitámos este momento para debater com os alunos a importância do ensino e da construção de conhecimento para construção de um cidadão mais ativo e responsável na vida pública.

Com o retomar da aula, após o intervalo e alguns minutos de atraso, foi introduzida a questão das elites e de como estas são importantes para a manutenção dos totalitarismos, assim como, para o controlo das massas.

É dentro deste subtema das elites que colocámos a questão: Como se mantém a ordem? Muitos dos alunos afirmaram que pela força e violência, mas os nomes não são falados, não que seja a informação mais relevante, mas aquela que permite diferenciar um fascismo de outro.

Com a explicação destas forças policiais e militares, que têm como objetivo a defesa dos interesses do Estado, pareceu mais uma vez pertinente o uso de algumas frases que ajudam a compreender, não só a ação das forças de controlo da ordem, como também a postura tomada pelos totalitarismos em relação à raça inferior.

O slide era o que se apresenta a seguir (Figura 23), utilizado para, mais uma vez, pedir aos alunos para darem a sua opinião em relação às frases e também que fizessem uma relação entre estas e os conteúdos abordados.



**Figura 23 Slide 19 da apresentação Opções Totalitárias**

Com a análise destas frases o caminho era para a violência associada a estes regimes totalitários e para as questões da pureza da raça, em harmonia com estes excertos. Foi solicitado a um aluno que lesse um documento presente no manual, que à medida que era lido era analisado com breves questões e com intervenções dos alunos.

A leitura dos documentos é de importante relevo, tal como a observação das fontes, pois dão a entender o contexto histórico em que se inserem, além de darem informações que muito auxiliam à compreensão dos conteúdos.

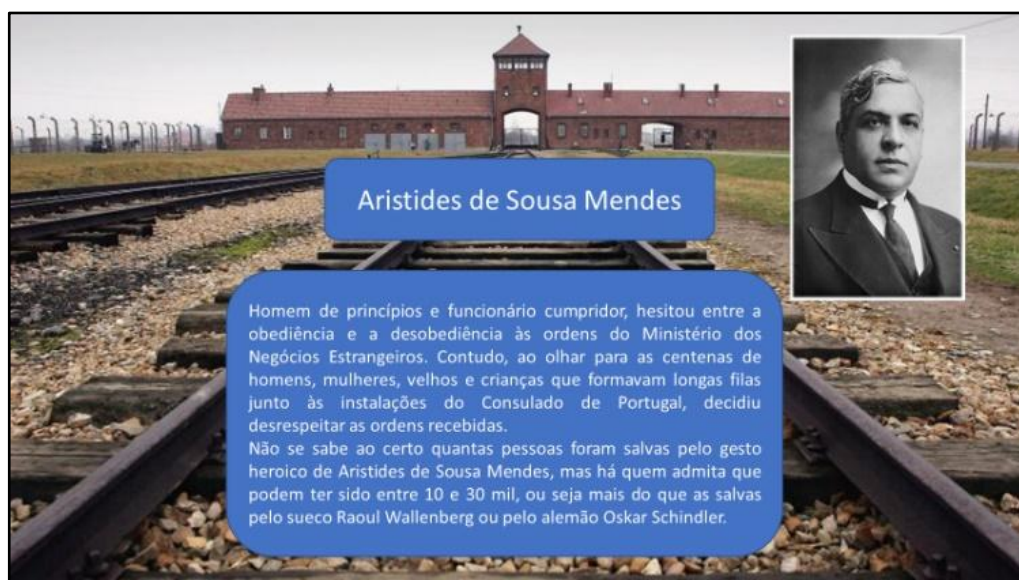
Chegados ao racismo nazi era importante questionar os alunos quanto à teoria evolucionista de Darwin, lecionada no ano anterior. Todavia a turma já não se recordava e, por esse motivo, a explicação da teoria foi retomada e explicada de que forma se fazia sentir nesta temática de racismo nazi.

À medida que as dúvidas iam sendo respondidas a matéria ia também crescendo, pelo que introduzimos os conceitos de Genocídio e de Antissemitismo.

Ao não saberem definir estes conceitos, a explicação teve de surgir com palavras mais simples e de melhor compreensão. Por exemplo, a uma dúvida de uma aluna, recorremos a um filme, “A Vida é Bela”, de onde abordámos uma das cenas, para que os alunos conseguissem perceber a ligação do filme à matéria e à dúvida em questão.



As conclusões da planificação da aula estavam na hora e chegado este momento faltava abordar o genocídio associado aos campos de concentração, tal como os Homens que neste período se destacaram pelos seus feitos de bondade. Embora tenhamos falado de um dos mais conhecidos, pela existência de um filme, já visualizado pelos alunos, e sobre os seus feitos, o caso de Oskar Schindler, a nossa atenção voltou-se para o herói português, Aristides de Sousa Mendes, que, apesar dos seus grandes feitos, morreu na pobreza, por enfrentar o Estado, e de quem pouco se tem falado. Sobre este nosso herói colocámos uma breve biografia, no fim da apresentação PowerPoint, em anexo, sob uma imagem da entrada de Auschwitz, como apresentado na figura seguinte (Fig.24).



**Figura 24 Breve Biografia de Aristides de Sousa Mendes**

Para finalizar a aula, como já vai sendo habitual, foi pedido aos alunos que realizem oralmente um resumo, que foi efetuado apenas por duas alunas. Muito embora a turma seja interessada, nem sempre os alunos participam. Nesta aula, a presença de mais professores, acabou por se notar na participação dos alunos, sendo esta um pouco mais reduzida.

## **Aula 9 de Novembro**

### **Planificação da Aula**

Além da conclusão da planificação da aula anterior, faltava ainda abordar um dos exemplos de totalitarismo, tendo esta aula sido, por essa razão, dedicada ao Estalinismo, o que fez com que a planificação fosse, quase que em exclusivo, dedicada a este tema.

Uma vez que o tema segue conteúdos abordados em aulas anteriores, nomeadamente a construção do modelo soviético e aos totalitarismos, foram utilizados na planificação, recursos bibliográficos já apresentados, mas que seriam importantes devido à sua pertinência.

Para o início da aula e para os assuntos referentes ao corporativismo e à autarcia como modelo económico recorreremos às definições presentes no manual “*Um novo Tempo da História*” e a conteúdos presentes no livro de preparação para o Exame Final Nacional de História A, da Porto Editora.

No que diz respeito ao estalinismo, para a sua planificação, foram usados além dos recursos já abordados, a revista *Super interessante*, “1917- 2017 – Cem anos da Revolução Soviética”.

De forma a tornar a aula um pouco mais interativa com os alunos, planificámos esta aula com recurso a livros de resumo que contêm questões e a livros de esquema síntese, tendo estes sido utilizados como inspiração à criação de um quadro síntese dos conteúdos lecionados nesta aula.

Foi também planificado para esta aula, como conclusão do tema dos totalitarismos, a visualização de um pequeno vídeo sobre o Estalinismo, onde os alunos iriam visualizar os efeitos da Revolução Russa no período de Estaline, e uma atividade prática recorrendo a uma cena do filme “O Grande Ditador” de Chaplin.

Esta atividade pretendia que os alunos demonstrassem os conhecimentos obtidos sobre esta temática dos totalitarismos de uma forma mais interativa e descontraída.

## A Aula

O início foi conturbado, devido ao atraso na entrada da sala de aula, causado pelo problema das salas disponíveis e da sala do 12º não ter o projetor a funcionar. Uma vez resolvida a questão foi possível iniciar a aula. Enquanto íamos preparando os materiais, foi pedido aos alunos que realizassem oralmente uma síntese da aula anterior.

Com a abordagem dos totalitarismos fascista e nazi, restava abordar os conteúdos relativos às questões económicas e ao modelo estalinista. Assim sendo, a aula começa com o ditar do sumário: “Opções Totalitárias: O Estalinismo” e com a introdução dos conceitos de corporativismo e de autarcia, conceitos importantes para a abordagem e entendimento destes conteúdos. Com apoio nos documentos do manual começámos a explorar estes conteúdos da organização económica da Itália e da Alemanha, concluindo assim as questões relativas ao fascismo italiano e ao nazismo alemão.

Estava no momento de apresentar outro modelo totalitário, que tinha ficado de parte. Apresentámos o Estalinismo, seguindo não só as influências fascistas, mas também as resoluções da Revolução Russa e dos acontecimentos que se seguem após o falecimento de Lenine.

É através da frase «Venceu quem menos se esperava», que traçámos o caminho para a Rússia como o maior império autárquico do Mundo e qual o papel que Estaline teve para alcançar tão alto patamar.

Era importante apresentar os responsáveis da Revolução de Outubro, que eram símbolos da vitória soviética. Por esse motivo, projetámos uma imagem (fig.25) com Estaline, Lenine e Trotsky, solicitando aos alunos que tentassem identificar cada um deles. Tarefa concretizada com sucesso.



**Figura 25 Estaline, Lenine e Trotsky**

Com a projeção destas figuras era importante referir como Estaline chegou ao poder, após a morte de Lenine, e como o confronto com Trotsky se desenvolveu e concluiu. É então solicitado aos alunos para lerem um documento do manual sobre o Estalinismo.

Os alunos mostraram-se interessados na temática e nas curiosidades apresentadas, como por exemplo as origens de Estaline, que era filho de um padeiro. Um dos alunos, por graça, afirma que ele deveria gostar de pão.

Apresentados os protagonistas que agora nos acompanhavam, questionámos os alunos sobre “Que medidas tomou Estaline para construir o Socialismo na União Soviética?”. A resposta a esta questão implicava que os alunos tivessem, ainda, presente as aulas anteriores, nomeadamente a da Revolução Russa, uma vez que algumas das medidas de Estaline foram contra medidas tomadas por Lenine, como por exemplo a NEP, que Estaline abandonou por considerar ser uma ameaça à construção do Estado Socialista.

Ainda começamos a abordar os conteúdos relativos às medidas de Estaline, mas com a chegada do intervalo interrompemos para que mais tarde voltássemos a abordá-las.

Após o intervalo, com a utilização do PowerPoint e do manual vamos explicando a planificação da economia e a coletivização dos meios de produção. O slide seguinte (Fig. 26), foi utilizado de forma a sintetizar toda a informação das medidas de Estaline.

### Medidas Implementadas

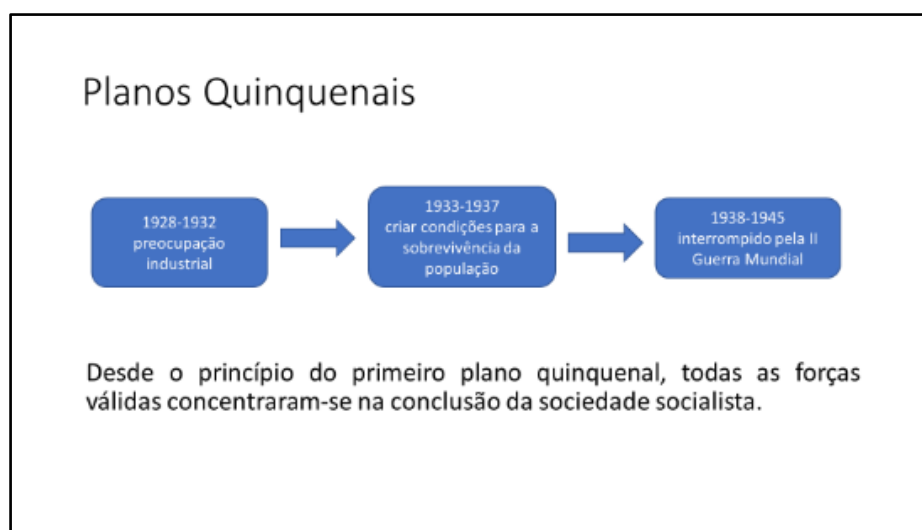
- **Coletivização dos meios de produção** (Estado toma posse das terras, minas, fábricas, comércio, transportes, criou nos campos grandes propriedades chamadas *sovkhozes* e *kolkhozes*)
- **Planificação da economia** (elaboração de planos quinquenais para o desenvolvimento organizado da indústria).

Para fazer da URSS uma grande potência industrial e militar, a prioridade foi dada à indústria pesada e à eletrificação do país.

**Figura 26 Slide utilizado em aula sobre as medidas Estalinistas**

Esclarecendo as dúvidas sobre a coletivização dos meios de produção, concentrámo-nos na planificação da economia, tema de bastante relevo para a industrialização russa e para o seu desenvolvimento enquanto potência.

O slide em baixo apresentado (Fig.27) teve como principal objetivo ser um guia para a compreensão dos planos quinquenais e das suas motivações, tal como da importância que foi dada pelo Estado para a sua elaboração e concretização. Serviu também de alavanca para aprofundar os planos quinquenais por fases.



**Figura 27 Os Planos Quinquenais**

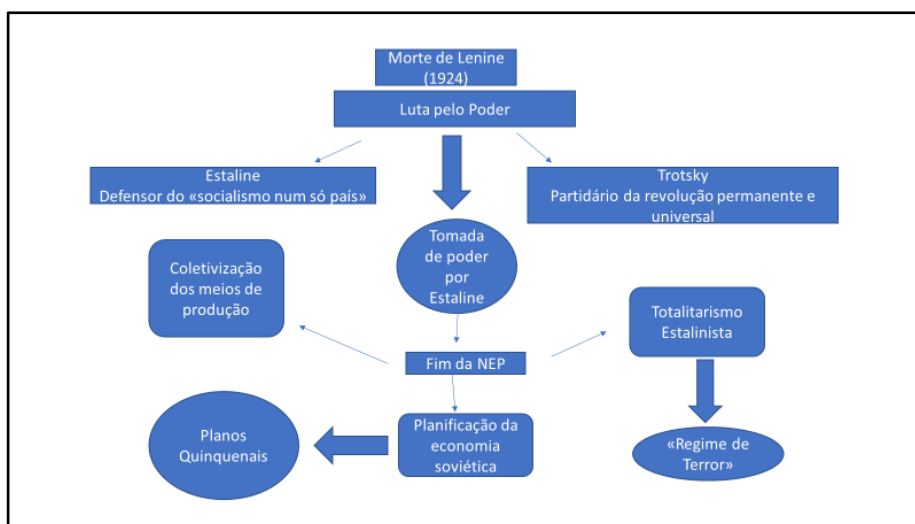
Concluídas as questões da organização económica da União Soviética, à semelhança dos outros modelos totalitários, tínhamos de abordar os conteúdos que revelam a força do Estado, que tanto os caracterizam neste período, assim como a organização do mesmo.

De forma a verificar a organização e obediência ao Estado, foi visualizado um vídeo de uma parada comemorativa do aniversário da Revolução de 1917, aproximando-o assim das matérias lecionadas anteriormente sobre o culto do chefe e sobre a Revolução Russa.

A música de fundo do vídeo era o hino russo da época, porém, como não conseguimos que o som fosse passado ao mesmo tempo que a imagem, o vídeo foi visualizado sem recurso ao som. Como forma de compensar essa falha, relatámos as imagens relacionando-as com a matéria lecionada.

Para concluir a aprendizagem destes conteúdos, foi projetado um esquema síntese (Fig.28), ao qual um aluno, que solicitámos, tinha de o interpretar oralmente.

O esquema projetado continha as ideias principais, para que os alunos pudessem a partir de cada tópico desenvolver o tema.



**Figura 28 Esquema sobre o Estalinismo**

Com a interpretação e análise do esquema, em cima apresentado (Fig.28), e ainda com uns minutos de aula, propusemos a realização de uma atividade prática que visava todos os conteúdos das Opções Totalitárias.

Esta atividade compôs-se pela visualização de uma cena do filme “O Grande Ditador” de Charlie Chaplin, e através dela os alunos, divididos em quatro grupos de 4, formulavam duas frases relativas ao tema e à cena visualizada.

Após a composição das frases, um dos alunos de cada grupo leu a frase, que foi gravada e incluída no vídeo, tal como se fosse um documentário. Apesar de alguma timidez no que diz respeito à escolha do elemento que foi ler, as frases foram todas gravadas e incluídas no momento. Porém, devido às condições acústicas da sala e à rapidez com que os alunos liam as frases, o resultado do vídeo não atingiu o esperado. Contudo, em termos da atividade proposta, esta superou as expectativas, uma vez que a aceitação dos alunos foi bem-sucedida e as frases produzidas demonstraram que compreenderam os conteúdos lecionados. Não significa, contudo, que não existissem dúvidas relativas a esta temática.

## **Aulas de 15 a 23 de janeiro**

Ao tema da Guerra Fria foram dedicadas cinco aulas, que correspondem aos dias 15, 16, 18, 22 e 23 de janeiro. Para que o tema fosse desenvolvido na sua totalidade e para cumprir com os conteúdos escolhidos para demonstração e posterior análise de um filme, as aulas foram divididas pelos subtemas seguintes: “O Tempo da Guerra Fria”, “O Mundo Capitalista e Comunista” e “A Corrida às Armas e ao Espaço”.

As primeiras aulas foram dedicadas à apresentação dos conteúdos, por vezes com acréscimo de um pequeno vídeo exemplificativo dos conteúdos abordados. As restantes duas aulas, deste leque de cinco aulas planificadas, para a apresentação do filme “Elementos Secretos” com posterior debate dos conteúdos e elaboração de uma ficha de análise do filme.

### **Aula 15 de Janeiro**

#### **Planificação da Aula**

Com a intenção de explicar o significado de Guerra Fria e os principais acontecimentos deste período, optámos por planificar para esta aula uma abordagem mais generalizada com o intuito de criar nos alunos uma ideia dos conteúdos que iríamos abordar. Nesse sentido foi editado um vídeo de apresentação dos conteúdos, apresentado no início da aula.

A criação do vídeo foi tida em conta com os conteúdos mais associados ao tema da Guerra Fria, como a questão de Berlim e a construção do muro, e a divisão do mundo em dois.

O vídeo foi mostrado no início da aula para que a aula se iniciasse nos pontos traçados pela visualização do vídeo.

Depois do vídeo, a planificação procurava tratar de alguns dos assuntos abordados no mesmo, com o intuito de lecionar o subtema “O Tempo da Guerra Fria”. Foi usada a revista “*Super interessante*”, a edição especial História com o título 1917-2017 – Cem anos da Revolução Soviética, que aborda, além da Revolução Russa, as questões da Guerra Fria, nomeadamente o artigo Supremacia global.

## Aula

Na primeira aula relativa à Guerra Fria, introduzimos os conceitos basilares que nos iam acompanhar no decorrer das aulas, tal como apresentámos genericamente os acontecimentos mais importantes deste período.

Como introdução ao tema foi visualizado um pequeno vídeo, presente na apresentação realizada em PowerPoint (em anexo), com os conteúdos que iriam ser abordados nas seguintes aulas, com mais pormenor.

O vídeo foi editado com imagens relativas ao período da Guerra Fria. Foram utilizadas figuras que marcaram esta época (Roosevelt e Estaline), as instituições que surgiram no decorrer dos acontecimentos. Como exemplo: o Plano Marshall e a COMECON, e a questão de Berlim.

Também a banda sonora foi tida em consideração, tendo sido escolhida a que chamasse mais à atenção dos alunos e que se ligasse ao tema. O tema musical do StarWars surgiu aqui como o chamariz dos alunos e depois a adição de um excerto de uma música do filme Rocky, que na trama colocava frente a frente Americanos e Russos, durante os anos da Guerra Fria.

Esta aula, além de abordar a Guerra Fria continha a separação dos dois grandes blocos e as consequências que a Europa sofreu com a construção das influências das grandes potências. De salientar, a incidência para o caso da divisão da Alemanha e a consequente ação das potências em Berlim. No vídeo já era possível verificar algumas destas passagens.



**Figura 29 A Questão de Berlim**



Para que melhor fosse compreendida a função do muro e a sua construção, além de falarmos sobre ele, mostrámos também um esquema de como o muro se caracterizava, como se observa na figura 30. Os alunos mostraram-se muito curiosos quanto aos conteúdos relativos ao muro de Berlim, à sua construção e à sua consequente queda. Através de um pequeno vídeo com imagens do filme Atomic Blonde, apresentámos aos alunos a celebração da queda do muro e o que isso significa para a sociedade em Berlim e no Mundo.



71

O muro não dividia apenas a Alemanha. Ele era um fosso entre dois mundos. Com sua queda, foi aberto o caminho para se construir uma nova Europa. E foi isso o que ocorreu. Mas a solução para uma questão crítica não foi obtida. Não conseguimos tornar o mundo mais seguro. Perdemos uma enorme oportunidade histórica. O Ocidente insiste em dizer que a queda do Muro de Berlim simbolizou a vitória de um dos lados na Guerra Fria. Hoje, contudo, eu pergunto-me que vitória foi essa.

Reflexões de M. Gorbachev na entrevista concedida a Jamil Chade, publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, 11-10-2009

**Figura 31 Texto apresentado**

A interpretação deste texto (Fig. 31) serviu também para que os alunos percebessem que a Europa não estava apenas dividida pelo muro, mas que muito mais era aquilo que a separava e que iríamos estudar nas aulas seguintes.

Este texto também deixa uma questão que colocámos de igual forma aos alunos, que se prende com a suposta vitória de um dos lados com a queda do Muro de Berlim e que tipo de vitória seria essa, tendo em conta os acontecimentos que se seguem a este e o conhecimento que os alunos tinham da realidade da Europa.

## Aula 16 de Janeiro

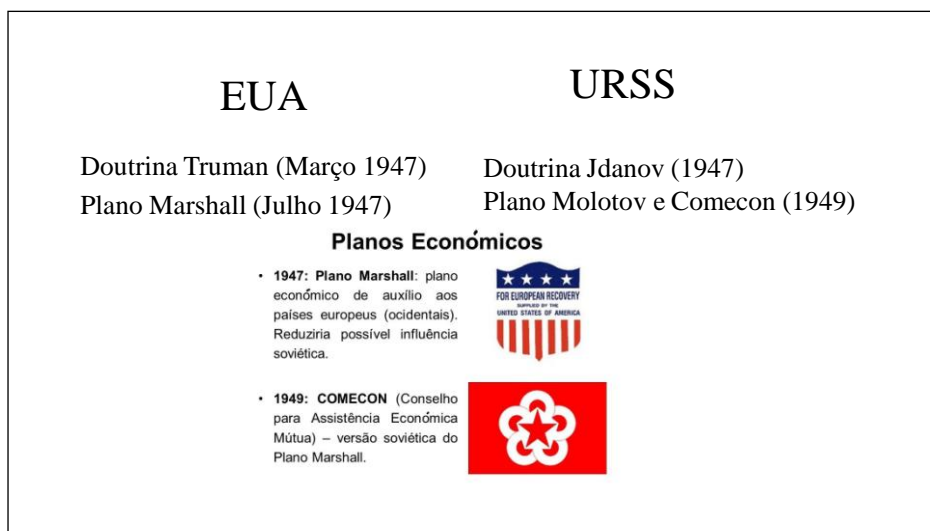
### Planificação da Aula

Início da planificação com a conclusão do estipulado para a aula anterior, aproveitando para relembrar alguns conceitos e para colocar algumas questões sobre esses conteúdos, de forma a verificar a aprendizagem dos alunos. As questões escolhidas foram retiradas e adaptadas do manual “*Um novo Tempo da História*”.

A planificação desta aula foi realizada com a união de duas partes distintas do módulo, uma vez que o mundo capitalista e o mundo comunista aparecem no manual separados. Sendo assim, planificámos unir os dois mundos para que fosse possível verificar as suas características e escolhas políticas, sociais e económicas de forma comparada.

### Aula

A segunda aula, relativa à Guerra Fria, precipitou-se por uma breve recordação de alguns dos conceitos introduzidos na aula anterior, embora esta tivesse como objetivo na sua planificação a introdução do subtema: “Mundo Capitalista e Mundo Comunista”. Sendo assim, foram abordadas as questões de como ficou o mundo depois da II Guerra Mundial.



**Figura 32 Planos Económicos**

Foram retomados assuntos já falados na aula anterior, com o acrescento de mais informações e com a apresentação das suas características e diferenças, antes de introduzir as características do “Mundo Capitalista e do Mundo Comunista”, tal

como postulado no Sumário. Foram ainda colocadas e corrigidas questões aos alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior.

Política de Alianças dos Estados Unidos Expansionismo Soviético	
EUA	URSS
Regimes democráticos: <ul style="list-style-type: none"><li>• Social-democracia;</li><li>• Democracia cristã</li></ul>	«Democracias Populares» Kominform (1947)

**Figura 33 Políticas de Alianças**

Com o intuito de apresentar as políticas sociais e económicas de ambos os mundos, optamos por introduzir inicialmente os dois quadros acima (figuras 32 e 33). O primeiro que seguia os conteúdos já abordados e que tinha sido alvo de questões. E o segundo que surgia como forma de os alunos tomarem contato com os conceitos e a partir deles chegarmos ao seu significado.

Era importante que os alunos entendessem as políticas e os planos económicos. Por esse motivo, estes conteúdos foram bastante revistos, para que além do seu conhecimento, os alunos soubessem identificar os nomes, nomeadamente dos planos económicos que por vezes seguem políticas semelhantes, mas com nomes distintos.

Numa vertente mais social, abordada mais à frente, tentámos demonstrar que as diferenças dos dois mundos se impunham em qualquer setor e que essas diferenças moldaram o quadro internacional.

Utilizámos o quadro seguinte (figura 34), por ser possível visualizar as opções políticas dos dois mundos em simultâneo, o que possibilita uma mais fácil perceção dos conceitos e das diferenças políticas e sociais adotadas.

A aula foi preparada desta forma, para que os alunos possam compreender as diferenças e comparar os dois mundos em simultâneo, uma vez que no manual os dois mundos estão separados.

Política Económica e Social	
EUA	URSS
Estado-Providência (Welfare State/Estado do bem-estar)	Ideal igualitário – sociedade sem classes
Sociedade de Consumo	Economia de direção Central
Progresso tecnológico	Baixo índice de consumo
Aumento população ativa (mão de obra feminina e baby-boom)	URSS aposta na economia estatizada e planificada
Desenvolvimento setor terciário.	Desenvolvimento da indústria pesada.
Prosperidade Económica “30 Gloriosos”	

**Figura 34 Política Económica e Social**

No seguimento da aula foi também abordada a extensão da influência soviética no mundo, pelo que era importante focar as políticas económicas e sociais socialistas e como a economia planificada transformou a URSS numa potência industrial.

É também neste ponto que abordamos os sucessores de Estaline e das políticas usadas pelos mesmos, desde Nikita Kruchtchev a Leonidas Brejnev. Todavia é também aqui que apontamos as limitações do sistema, que mais tarde vai culminar na queda do bloco de Leste.

## **Aula 18 de Janeiro**

### **Planificação da Aula**

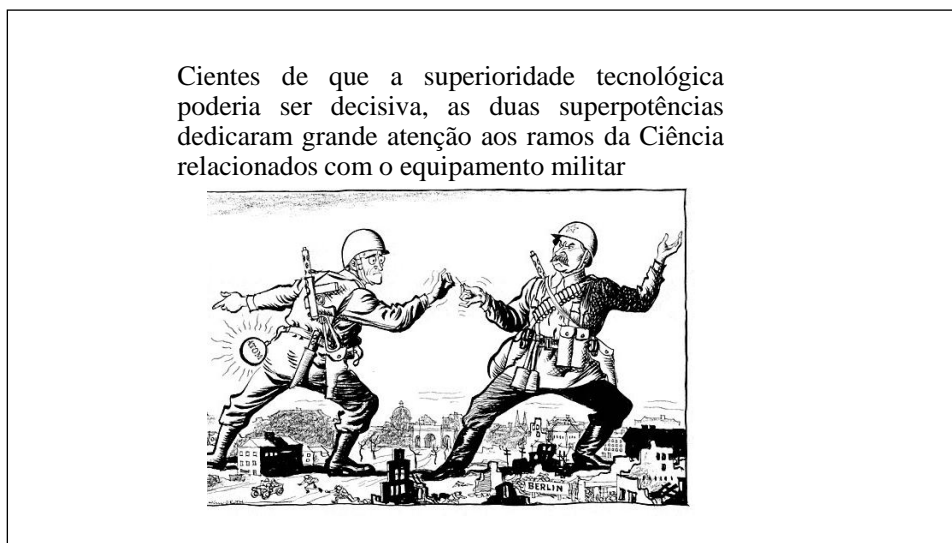
Com a aproximação da data de visualização do filme, era preciso uma aula que introduzisse os conteúdos que iriam ser abordados. Desta forma, a planificação da aula ficou prevista para a preparação da análise do filme e de alguns conteúdos que iriam ser tratados.

Foram escolhidos alguns textos retirados do manual “*Um novo Tempo da História*” e do artigo “Quando Washington recrutava antigos nazis”<sup>68</sup>, para que os alunos se apercebessem do conflito gerado à volta das corridas às armas e ao espaço, que tanto marcaram este período.

<sup>68</sup> Erich Lichtblau, in *Courrier internacional*, nº 235, Setembro 2015.

## Aula

A terceira aula, que surge como antevisão do filme que iria ser apresentado, debate-se sobre as corridas às armas e ao espaço. Numa primeira parte abordámos as questões relativas à corrida às armas e de como as duas potências lutavam pela superioridade em todos os campos. A segunda parte correspondia à corrida espacial, dos avanços tecnológicos e da grande disputa entre as potências para alcançarem patamares superiores ao bloco adversário.



**Figura 35 A Guerra Fria**

Aproveitando os conteúdos que iriam ser apresentados, foram lembrados alguns conceitos das aulas anteriores, nomeadamente o de Guerra Fria, e foram focados alguns conteúdos que seriam importantes para a compreensão e aprendizagem deste subtema.

Com o foco na corrida às armas, além do avanço tecnológico, era importante abordar a bomba atómica e a disputa que ambas as nações tiveram para se superarem uma à outra e para encontrarem uma arma mais poderosa que a arma da outra potência, tal como o posterior tratado que limitava as armas nucleares. É neste ponto que abordámos a “Crise dos Mísseis de Cuba” e a forma como se vivia durante a Guerra Fria, mostrando um mundo sob, como afirma Churchill, “um equilíbrio instável de terror”.

A segunda parte da aula, como planificado, coube à corrida espacial, onde introduzimos a origem das pesquisas da tecnologia que levaria ao desenvolvimento dos programas espaciais, passando para as conquistas da URSS.

Era importante focar os conteúdos da aula anterior, relativamente à industrialização da URSS, que lhe permitiu iniciar a corrida pelo espaço, que Khrushchev apoiou fortemente para a afirmação da URSS como potência hegemónica.

O esforço americano era também um dos pontos que nos importava tratar, tanto mais que o filme iria retratar esta vivência. Assim, utilizámos um texto que contempla a reacção dos americanos aquando do lançamento do satélite Sputnik e da viagem do primeiro homem e mulher ao espaço. Estes acontecimentos foram relevantes para a resposta americana, que surgiu pelo discurso de Kennedy, que pretendia ser o primeiro a chegar à Lua.

Para terminar a aula ficou aquele que foi um dos momentos altos da História do Homem: a chegada à Lua. Como tal, foi feita também a leitura do texto proferido por Neil Armstrong quando pisou a Lua pela primeira vez na História do Homem.

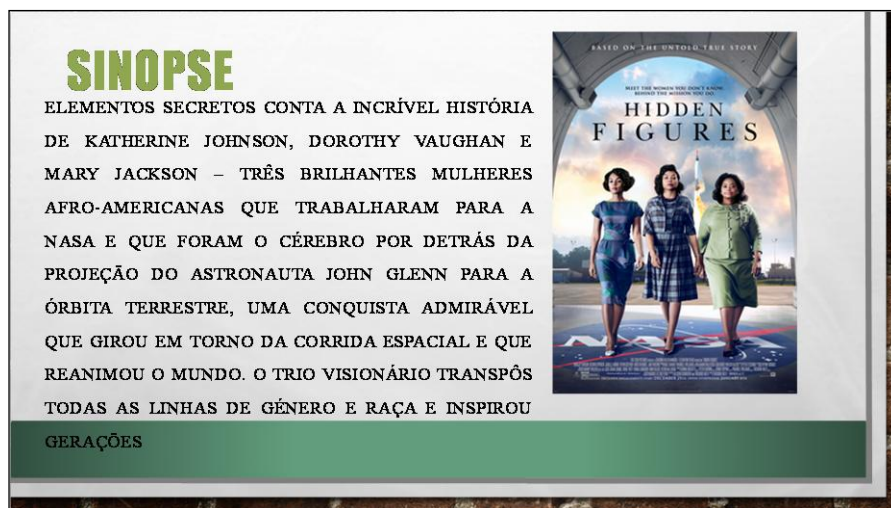


**Figura 36 O Homem na Lua**

## Aulas de 22 e 23 de janeiro

O filme “Elementos Secretos” foi apresentado em duas aulas, devido à sua duração e a ter de ser projetado em tempo de aula.

Na primeira aula, além da visualização de uma parte do filme, realizámos um pequeno debate sobre as cenas vistas e a opinião, até ao momento, dos alunos acerca do filme.



**Figura 37 Sinopse do filme "Elementos**

Na segunda aula, após a conclusão do filme, foram debatidos os seus conteúdos, em relação aos lecionados nas aulas anteriores.

Foi também realizada uma ficha de trabalho (guião de exploração do filme, em anexo) que versava a análise e interpretação do filme por parte dos alunos através de um questionário que abrangia a sua ficha técnica, alguns pormenores visualizados na ação, a opinião dos alunos face ao filme e algumas questões relacionadas com a matéria.

A ficha teve de ser terminada na aula seguinte, uma vez que em tempo de aula os alunos não a conseguiram concluir. Mas como a ficha continha conteúdos de revisão e estávamos em vésperas de teste, foi usada como revisão de matéria, como tal a aula seguinte, de 50 minutos, foi dedicada à conclusão da ficha e à respetiva correção.

Pela visualização do filme e pela realização da ficha de trabalho, foi possível verificar onde os alunos registavam as maiores dúvidas em relação à matéria lecionada, o que possibilitou na aula seguinte, através da correção da ficha abordar os conteúdos, de forma a colmatar tais dúvidas.



## **Aula 9 de Abril**

### **Planificação de Aula**

Para a planificação de uma aula diferente e mais descontraída, aproveitando o tema dos Media e Hábitos Socioculturais, juntámos pequenos vídeos editados com músicas e filmes da época.

Para a realização da apresentação, a planificação focou-se numa breve História do progresso científico e a inovação tecnológica, do aparecimento do cinema e da televisão, concluindo com a hegemonia dos hábitos socioculturais norte-americanos.

Na preparação da aula foram utilizados o manual “*Um novo Tempo da História*”, o livro de Preparação para o Exame Final Nacional de História A e livros sobre a História do Cinema, nomeadamente o livro “*Cinema*”<sup>69</sup>, com o intuito de criar uma breve História do Cinema e de mostrar aos alunos a sua evolução.

A planificação foi elaborada tendo como base tornar a aula o mais descontraída e divertida possível dados os conteúdos a lecionar, com a utilização de curiosidades sobre o cinema e com a utilização de pequenos vídeos foi possível demonstrar aos alunos a possibilidade de com algum divertimento aprender História.

### **Aula**

A última aula lecionada na Escola Secundária da Baixa da Banheira, ocorreu já no mês de abril, sobre “O Progresso Científico e a Inovação Tecnológica.” E os “Media e Hábitos Socioculturais.”



**Figura 38 Sumário da aula**

<sup>69</sup> Ronald Bergan, Cinema, Civilização editores, Porto, 2008.

Com o aproveitamento de alguns exemplos presentes no filme “Elementos Secretos”, visualizado anteriormente, abordámos os avanços científicos e tecnológicos, desde logo a utilização da energia nuclear, os progressos da medicina e o aparecimento do computador, considerado como um dos grandes progressos pelas suas características e que foi um dos focos no filme.

Com a apresentação destes conteúdos, tentámos demonstrar aos alunos que, apesar das implicações negativas, os progressos científicos acabam por equilibrar a balança.

Para introduzir os Media e os Hábitos Socioculturais, após a visualização da introdução cinematográfica da Disney, começámos por uma breve História do Cinema, mostrando como era visto inicialmente e de como foi ganhando destaque com o passar dos anos.

A História do Cinema foi usada para mostrar de forma descontraída a evolução deste meio de comunicação e a maneira como rapidamente influenciou a sociedade. Com o acrescento de algumas curiosidades relativas ao cinema, desde o seu nascimento aos dias de hoje, destacámos algumas delas, como o nome atribuído aos primeiros cinemas: Nickelodeon.

Para esta aula foram utilizados vários vídeos com o propósito de exemplificarem o que estávamos a falar, desde a introdução da série dos Flintstones, apresentando os Drive-in, a um conjunto de vídeos compilados sobre os filmes da época.

A utilização de vídeos permitiu mostrar aos alunos diversos exemplos de como o cinema era um importante meio de comunicação. Como os vídeos eram editados, foi possível mostrar diversos exemplos de correntes cinematográficas, saindo de Hollywood e mostrando um pouco do que se fazia em Bollywood, ou de como a manga japonesa também apresenta um papel na difusão de conteúdos. Estes vídeos permitiam em pouco tempo mostrar o máximo de exemplos possível. E que, como tal, possibilitavam um enriquecimento da aula e da aquisição de conhecimento.

Aproveitando o aparecimento de novos meios de comunicação e de hábitos socioculturais, falámos do grande concorrente do cinema que aparecia em casa das pessoas. Referimo-nos à televisão e de como esta, também, influenciou a sociedade.

Como exemplo de um dos primeiros programas televisivos passados a nível mundial, incluímos uma edição da coroação da rainha de Inglaterra.

## Televisão

- As primeiras experiências televisivas foram, nos anos 30, na Grã-Bretanha, nos EUA, em França e na Alemanha.
- O primeiro acontecimento transmitido em direto para vários países europeus foi a coroação da rainha de Inglaterra. Era o início da estandardização dos programas televisivos e da possibilidade de fazer “viver” o mesmo acontecimento em vários lugares do Mundo.
- O impacto no quotidiano tornou-se cada vez maior com o aumento de horas de programação, com as séries produzidas industrialmente, transmitidas em vários pontos do planeta.



Figura 39 A televisão

À televisão faltava abordar o impacto da música no quotidiano e a forma como o Rock “n” Roll surgiu e se expandiu como fenómeno musical e social, que caracteriza a rebeldia dos jovens do pós-guerra.

Juntamente com os conteúdos apresentados apareceu um novo vídeo, desta vez com músicas da época. A escolha das músicas e dos seus vídeos, ia de encontro à mensagem que o Rock “n” Roll expressava, ou seja, o objetivo era mostrar aos alunos como a música, mais concretamente este estilo, influenciava a população americana e de como, rapidamente, se expandiu para toda a Europa, que passou, também ela, a ser influenciadora.

## Rock “n” Roll

- O primeiro grande êxito nos EUA foi Bill Haley, em 1955, com Rock Around the Clock.
- No ano seguinte aparece a primeira superestrela do rock and roll: Elvis Presley, o “rei do rock”, como ficou conhecido.
- As estrelas americanas brilharam até 1962, ano do aparecimento dos Beatles, grupo britânico de Liverpool.



Figura 40 Slide sobre o Rock "n" Roll

A aula terminaria com a hegemonia dos hábitos socioculturais norte-americanos, de onde surgiu aquele que ainda hoje é o grande exemplo da influência americana na Europa, o McDonald's.

Como conclusão da aula apresentámos um pequeno resumo de todos os conteúdos abordados, com especial atenção para uma música que teve a sua letra projetada, em português. Puderam assim os alunos ver que algumas músicas contam histórias e que também podem ser uma forma de estudar e de aprender História.

### A Great Day For FREEDOM (1994)

No dia em que o muro caiu  
Atiraram os cadeados ao chão  
E com os copos bem alto, levantámos a voz, pois a liberdade  
havia chegado  
No dia em que o muro caiu  
O navio dos perdidos aportou finalmente  
Promessas acenderam a noite como pássaros de papel a voar  
Agora, a vida desvaloriza-se de dia para dia  
Enquanto amigos e vizinhos viram costas  
E há uma mudança que, ainda que com pesar, não pode ser  
desfeita  
Agora, as fronteiras deslocam-se como areias do deserto  
Enquanto as nações lavam as suas mãos ensanguentadas  
De lealdade, da História, em tons de cinzento.



**Figura 41 Música dos Pink Floyd sobre o muro de Berlim**

De forma geral o uso dos vídeos foi proveitoso, por servirem de exemplo aos conteúdos lecionados e por facilmente darem uma imagem aos conceitos. Tal como os filmes, permitem que a aprendizagem seja realizada de uma forma mais atrativa.

Esta última aula serviu também para usar o cinema e os vídeos editados para contar a História do Cinema e dos Media, assim como mostrar aos alunos a realidade que pretendíamos que eles aprendessem e que é mais fácil de visualizar por imagens, que por palavras escritas.

No fim, os alunos mostraram-se interessados e a sua participação enriqueceu a experiência das aulas. Os vídeos e os filmes serviram como imagem dos conceitos lecionados e como uma representação da época abordada.

## **4ª Parte Reflexões Finais**

As imagens possuem um papel relevante na difusão de conteúdos e por isso são usadas no dia-a-dia para transmitir mensagens, muitas das vezes dispensando as palavras. Costuma-se afirmar que “uma imagem vale mais que mil palavras” e é neste pressuposto que apontamos a pertinência do uso das imagens no ensino.

As imagens em movimento acrescentam uma maior dinâmica à difusão de conteúdos, pois despertam a atenção, aumentam a curiosidade e da sua visualização obtêm-se aprendizagens, mesmo que o seu propósito seja o de lazer. Se é assim no dia-a-dia, então o uso em sala de aula é uma hipótese mais atrativa para motivar os alunos nas aprendizagens, levando-os a analisar as imagens para além do que está em primeiro plano.

No seguimento das imagens em movimento aparece-nos o cinema, que além de levar inúmeras pessoas às salas de cinema, é, desde o seu aparecimento, uma ferramenta importante na difusão de conteúdos.

Numa sala de cinema é possível visualizarmos as imagens em movimento e retirar delas a mensagem que pretendem passar. É também uma forma mais atrativa de aprender certos conteúdos que por outros meios poderiam ser mais aborrecidos, ou que não iríamos procurar de outra forma.

Na sala de aula o cinema é e pode ser sempre mais uma forte ferramenta para a aprendizagem, desde que seja utilizado com esse propósito e não para ocupar tempo de aula. Claro está que não deve ser utilizado a todo o momento, mas se bem escolhido o filme pode conter os diversos conteúdos.

No que diz respeito à História, a relação com o cinema é mais próxima, pois, como é visível, as produções cinematográficas inspiram-se, muitas vezes, em acontecimentos ou em personagens da História, fazendo com que a proximidade entre o Cinema e a História cresça. Além do mais, o cinema é uma forma de arte, historicamente marcada e construtora de novos discursos e novas leituras da realidade. Cada realizador, na sua dimensão de criador, pode ser estudado e integrado numa estrutura narrativa de cariz histórico.

Em aula, o cinema pode ser uma ferramenta muito rica, por expressar de uma forma mais atrativa conteúdos que normalmente são apresentados apenas numa dimensão escrita. O filme deve, por isso, ser criteriosamente escolhido para que as imagens demonstrem aquilo que os alunos devem aprender ou refletir dos conteúdos abordados ou a lecionar.

Na nossa experiência, a utilização do cinema em sala de aula foi proveitosa e rica. A projeção de filmes como a de vídeos editados serviu para captar a atenção dos alunos e para os incentivar a refletir partindo de outro tipo de recursos de aprendizagem. Apesar de o filme ser sempre uma forma mais atrativa, de que os alunos tendencialmente gostam, o uso de vídeos, à sua maneira, também teve os seus frutos, por darem imagem aos conceitos e conteúdos abordados. Porém, notamos que a utilização constante deste meio, mais fácil que a projeção do filme, deixa rapidamente de ser novidade e de captar tanta atenção dos alunos.

Por esse motivo, consideramos que a edição do vídeo deve conter elementos que se tornem motivadores para prender a atenção dos alunos, desde imagens até à banda sonora utilizada, pois é aí que os podemos surpreender com algo com que não contam.

Nas aulas em que os vídeos foram apresentados, os alunos teceram alguns comentários, quer pelos conteúdos, quer pela música, ou mesmo pela forma que foi escolhida para abordar determinado assunto. Os vídeos tinham o propósito de dar imagem aos conteúdos, de ser um elemento de aprendizagem atrativa e têm a vantagem de em poucos minutos mostrar muito.

O cinema também partilha esta arma e a banda sonora ajuda a exaltar as cenas e chama a atenção. Pode também ser usada como fonte, dado que algumas bandas sonoras utilizam músicas que abordam os mesmos temas que o filme.

A exibição do filme deve ser preparada tendo em conta as condições da sala, a sua duração em relação à duração da aula e os tópicos que se querem abordar, uma vez que um filme pode trazer mais conteúdos que só aqueles que à primeira vista são observados.

Os filmes que escolhemos para as aulas lecionadas são bastante ricos em informação e permitiram aos alunos a obtenção de conhecimento através das

imagens. Porém, não dispensam a utilização de um guião de análise, que pretende, mais que orientar os alunos nos conteúdos abordados pelo filme, verificar as aprendizagens por eles obtidas e as eventuais dúvidas existentes, que podem ser colmatadas pela correção do guião.

Concluimos que a utilização da sétima arte em sala de aula pode ser uma ferramenta poderosa para a obtenção de conhecimentos. Pois, além de ser uma forma de arte, é também um repositório de conteúdos, que, para o ensino de História, pode ainda ser utilizado como documento.

A sétima arte potencia a aprendizagem da disciplina de História pelas suas características e porque um grande número de filmes é realizado tendo em conta acontecimentos ou figuras históricas. Através das produções cinematográficas o cinema imagina e representa o passado, exemplificando a realidade que se pretende demonstrar aos alunos. É por isso um documento e recurso extraordinário para a construção do conhecimento histórico.

Assim como o cinema, outras tecnologias de vanguarda poderiam ser integradas no contexto escolar. Não podemos esquecer que o cinema, apesar de recente na sua maior utilização nas escolas, é uma tecnologia centenária.

Corria o ano de 1895 quando os irmãos Lumière, Auguste e Louis, patentearam o cinematógrafo e exibiram pela primeira vez a arte do cinema, no Salon Indien do Grand Café na Boulevard de Capucines, em Paris. Foram apresentados, por exemplo, 10 filmes com duração de 20 minutos gravados com uma câmara fixa que mostravam, naquele que aparenta ser o primeiro filme, trabalhadores a sair da fábrica Lumière, a queda de um muro, ou um comboio a chegar à estação de Ciotat.

Passados mais de 120 anos, continuamos a pensar e utilizar o cinema como um recurso inovador. Apesar de todas as suas potencialidades e do poder que tem e pode ter para a educação, o cinema não é um recurso inovador.

Nos últimos anos a tecnologia evoluiu e desenvolveu outros mecanismos, que podem ser poderosos para a aprendizagem e para a dinâmica da aula, como a realidade virtual, os hologramas e as impressoras 3D, entre outros.

Conseguimos imaginar o que poderia ser realizado através da realidade virtual e de hologramas, em que os alunos poderiam vivenciar a realidade descrita

estando dentro dessa realidade, quer de obras literárias ou de contextos históricos.

Como por meio de impressoras 3D desenvolver estruturas que permitam visualizar, no caso da História, cidades, impérios, edifícios. Quanto tempo levaremos a utilizar de forma regular as tecnologias de hoje nas nossas práticas letivas?



## **Bibliografia**

### **Bibliografia Geral**

Antas, Mário Nuno do Bento, *A Didáctica da História e o Ensino da História*, Lisboa: Universidade Lusíada, 2004.

Gal, Roger, *História da educação*, Lisboa: Vega Editora, 2004.

Grass, Gunter, *Descascando a Cebola*, Casa das Letras, 2008

Marques, Ramiro, *História Concisa da Pedagogia*, Lisboa: Plátano Editora, 2001

Monteiro, Miguel, *A Ilha Pedagógica*, Lisboa: Plátano Editora, 1987.

Monteiro, Miguel, *Didáctica da História – Teorização e prática – algumas reflexões*, Lisboa: Edições Plátano, 2001.

Monteiro, Miguel, *O Ensino da História numa Escola em Transformação*, Lisboa: Edições Plátano, 2003.

Nunes, João Paulo Avelãs; Ribeiro, Ana Isabel Sampaio, *A didáctica da História e o perfil do professor de História*, in Revista Portuguesa da História, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2007, pp. 87-107.

### **Bibliografia Específica**

Ávila, Alef Pérez, *El cine como herramienta didáctica para aprender historia*, [s.l.; s.n.], 2017.

Brookins, Amelia, *Representing History in Film-Making*, [s.l.; s.n.], 2012.

Campomanes, Alvin D., *A Study Guide for Heneral Luna*, [s.l.; s.n.], 2015.

Chapman, James, *Film and History*, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

García, Antonio Almagro, *El Cine como recurso didáctico*, Escuela Universitaria del profesorado «Sagrada Familia» ÚBEDA, [s.d].

Gardies, René (org.), *Compreender o Cinema e as Imagens*, Lisboa: Edições texto e grafia, 2007.

Hernández Les, Juan A., *Cinema e Literatura: A metáfora visual*, Porto: Campo das Letras, 2003.

Lopes, João, *Cinema e história: aventuras narrativas*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

Lopes, Sara Raquel Caetano, *O cinema no processo de ensino-aprendizagem da História e Geografia*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

Monteiro, Miguel (org.), *Cinema e História*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.

Parejo, Ramón Perez, *Cine y Education: explotación didáctica y algunas experiencias educativas*, Universidade de Extremadura, II Congr s Internacional de Did ctiques, 2010.

Pillai, Anusha, *Constructing History: Film as History*, [s.l.; s.n.], 2015.

Reigada, Tiago, *Ensinar com a Sétima Arte: O Espaço do Cinema na Didática da História*, Porto: Edições Afrontamento, 2016.

Sánchez, Enrique Martínez-Salanova, *El valor del cine para aprender y ense ar, Comunicar, Revista Científica de Comunicación y Educación*, n. 20, 2003, pp. 45-52.

Silva, Jackline de Oliveira; Mendes, Lilian Marta Grisolio, *O Ensino de História e o Cinema: a problematização do uso da produção cinematográfica sobre o passado na sala de aula*, XVI Encontro Regional de História ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas, 2014.

Vasconcelos, Ant nio-Pedro, *O Futuro da Ficção*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.

### **Webgrafia**

<http://oohodahistoria.ufba.br/>

<https://www.rolex.com/arts-and-culture/rolex-and-cinema.html>

## **Bibliografia das Aulas**

Antão, António, *Preparação para o Exame Final Nacional 2017 História A 12º Ano*, Porto: Porto Editora, 2016.

Barreira, Aníbal; Moreira, Mendes, *História 9º Ano*, [s.l.]: Edições ASA, 2009.

Bergan, Ronald, *Cinema*, Porto: Civilização Editores, 2008.

Couto, Célia Pinto do; Rosas, Maria Antónia Monterroso, Porto: *Um novo Tempo da História*, Lisboa: Porto Editora, 2015.

Graça, Helder; Lourenço, Maria de Jesus, *Revisões Para Todo o Ano – História 9º*, Lisboa: Texto editores, 2009.

Hoetzsch, Otto, *A evolução da Rússia*, Lisboa: Editorial Verbo, 1996.

Letria, José Jorge, *Aristides de Sousa Mendes, homem de coragem*, Lisboa: Terramar, 2004.

Lichtblau, Erich, *Quando Washington recrutava antigos nazis*, in 1945 – 12 Meses que Abalaram o Mundo, Courrier internacional, nº 235, setembro 2015.

Lopes, Henrique Dias; Gaspar, José Martinho, *Sínteses Esquemáticas – História A 12º*, Lisboa: Texto editores, 2009.

Milhazes, José, *Rússia e Europa: uma parte do todo*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016.

Pinto, Ana Lúcia; Carvalho, Maria Manuela; Neves, Pedro Almiro (coord.), *Cadernos de História A – Tempos, Espaços e protagonistas*, Porto: Porto Editora, 2009.

Werth, Nicolas, *1917 – A Rússia em revolução*, Lisboa: Quimera Editores, 2003.

*História do Mundo*, Lisboa: Quetzal editores, 1999.

Figes, Orlando, *1917 La Revolución de Octubre*, in National Geographic Historia, nº. 167, pp. 108 – 127.

*1933 O Ano em que Tudo Começou*, in Visão História nº19, Fevereiro 2013.

*1917 – 2017 – Cem Anos da Revolução Soviética*, in Super interessante, Setembro 2017.

## **Anexos**

Os anexos seguem em CD-ROM e correspondem aos planos de aula e a outros documentos utilizados na prática letiva.